



*Tradução de Neuza Faustino*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sabor sentido.

*“Mas eu não faço nada contra mim,  
e, contudo, sou o meu próprio carrasco”*  
— John Donne

*“Há êxtase na solidão da praia.”*  
— Lord Byron

O beco era escuro e tresandava a urina e a vomitado. Albergava ratazanas de patas ligeiras e felinos ossudos e de olhar faminto que as perseguiam. Olhos vermelhos cintilavam no escuro, alguns deles humanos, todos eles ferozes.

O coração de Eve teve um pequeno sobressalto quando se esgueirou para as sombras fétidas e de uma humidade cortante. Ele tinha entrado ali, tinha a certeza. A sua tarefa era segui-lo, encontrá-lo, prendê-lo. Estava com a arma na mão, a mão estava firme.

— Ei, coisa doce, queres fazê-lo comigo? Queres fazê-lo?

Vozes vindas da escuridão, ásperas de químicos ou de bebidas baratas. Queixumes dos amaldiçoados, risadinhas de loucos. As ratazanas e os gatos não viviam aqui sozinhos. A companhia do lixo humano que se alinhava junto à parede de tijolos suados não era um conforto.

Rodou a arma, agachou-se ao contornar uma unidade de reciclagem desgastada que, pelo cheiro que emanava, não funcionava há décadas. O odor pestilento a comida estragada entranhava-se no ar húmido, transformando-o num estufado gorduroso.

Alguém choramingava. Ela viu um rapaz pelos seus treze anos, completamente nu. As chagas na face dele supuravam; os olhos eram fendas de medo e desesperança, enquanto ele recuava, garatujando como um caranguejo, de encontro ao muro imundo.

A pena agitou-se no seu coração. Já fora criança, magoada e aterrorizada, escondida num beco. — Eu não te faço mal. — Mantinha a voz calma, quase num sussurro, tinha os olhos postos nos dele, mantendo o contacto enquanto baixava a arma.

E então foi atacada.

Ele veio por detrás, um rugido de movimento e som. Pronto para matar, brandiu o cano. O silvo metálico atingiu-lhe os ouvidos quando ela rodopiou para se esquivar da pancada. Mal teve tempo para praguejar por se ter desconcentrado, por ter esquecido o seu alvo principal, quando cento e vinte e cinco quilos de músculos e maldade arremesaram contra os tijolos.

A arma voou-lhe das mãos e desapareceu no escuro.

Viu os olhos dele, a chama da força bruta engrandecida pelos químicos, Zeus. Observava o cano a ser erguido ao alto, avaliou-lhe o movimento

e rolou para o lado, segundos antes de ele embater com toda a força no tijolo. Flectiu as pernas para tomar balanço e lançou-se de cabeça contra a barriga dele. Ele soltou um grunhido, cambaleou, e quando se lhe lançava ao pescoço, ela levantou o punho e desferiu-lhe um murro violento debaixo do maxilar. A força do embate fez o braço irradiar de dor e de poder.

Havia pessoas a gritar, a lutar por segurança num mundo mesquinho, onde ninguém estava seguro. Ela rodou sobre si e, utilizando o ímpeto da viragem, desferiu um pontapé em arco que esmagou o nariz do adversário. O sangue jorrou, juntando-se mais um ao miasma repelente de odores.

Os olhos dele pareciam selváticos, mas mal vacilou com o golpe. A dor não atingia o deus dos químicos. Sorria, desdenhoso, enquanto o sangue lhe escorria pela cara, e batia com o cano grosso na palma da mão.

— Vou matar-te. Vou matar-te, cabra de polícia. — Circulava-a, agitando o cano como um chicote sibilante. Sorrindo, sorrindo desdenhoso, enquanto sangrava. — Vou partir-te a cabeça ao meio e comer os teus miolos.

Sabia que ele falava a sério, o que lhe fez disparar a adrenalina ao ponto máximo. Viver ou morrer. A respiração tornou-se entrecortada, o suor escorria-lhe como óleo sobre a pele. Esquivou-se do golpe seguinte, ajoelhando-se. Deu uma palmada na bota e levantou-se com um sorriso nos lábios, desdenhosa.

— Come isto, filho da mãe. — Tinha a arma de reserva na mão. A intenção não era paralisá-lo. O dispositivo para a paralisação mais não faria do que leves cócegas àquele homem de cento e vinte e cinco quilos, alucinado e a julgar-se Zeus. A arma estava preparada para exterminar.

No momento em que se precipitava sobre ela, atingiu-o em cheio. Os olhos dele morreram primeiro. Olhos transformados em vidro, como os de uma boneca, mesmo quando desferia ainda um último golpe. Desviou-se, preparada para disparar novamente, mas o cano já lhe deslizava das mãos. O corpo iniciava aquela dança aos sacões provocada pela sobrecarga do sistema nervoso.

Caiu aos pés dela, um volume de humanidade em ruínas que tinha brincado a ser deus.

— Não vais sacrificar mais nenhuma virgem, seu monte de esterco — disse entre dentes, e sentindo aquela energia selvagem a escoar-se lentamente, passou a mão pela cara. Deixou descair a mão com a arma.

Um leve roçar de cabedal contra cimento fê-la ficar alerta. Começou a voltar-se, a arma em punho, mas uns braços apertaram-na, ergueram-na em bicos dos pés.

— Proteja sempre a retaguarda, Tenente — sussurrou a voz, mesmo antes de os dentes lhe tocarem levemente o lóbulo da orelha.

— Chixa, Roarke, quase que disparava sobre ti.

— Não estiveste nem perto disso. — Ele deu uma gargalhada e rodou-a nos seus braços, a boca cobriu a dela, quente, ávida. — Adoro ver-te trabalhar — murmurou, e a mão sábia percorreu-lhe o corpo até pousar no seio. — É... estimulante.

— Deixa-te disso. — Mas o coração batia descompassado e a ordem dada não era sentida. — Este não é o local indicado para seduções.

— Antes pelo contrário. Uma lua-de-mel é o lugar tradicional para uma sedução. — Afastou-a de si, mas as mãos continuavam pousadas nos ombros dela. — Perguntei-me onde te poderias ter metido. Devia ter calculado a resposta. — Olhou para o corpo aos pés dela. — O que é que ele fez?

— Tinha a predileção por rebentar os miolos a mulheres jovens e depois comê-los.

— Oh. — Roarke estremeceu, abanou a cabeça. — Sinceramente, Eve, não podias ter arranjado uma explicação menos repugnante?

— Havia aquele tipo em *Terra Colony* uns anos atrás que encaixava no perfil, e eu pensei... — Deixou a frase a meio, franzindo o sobrolho. Ali estavam eles, num beco de um cheiro nauseabundo, a morte a seus pés. E Roarke, o esplêndido, anjo negro Roarke, a envergar um smoking e botões de punho em diamante. — Porque estás vestido assim?

— Nós tínhamos feito planos — lembrou-lhe. — Jantar?

— Esqueci-me. — Voltou a guardar a arma. — Nunca pensei que isto demorasse tanto tempo. — Solto o ar dos pulmões. — É melhor eu limpar isto.

— Gosto de ti tal como és. — Avançou novamente para ela, tomou posse. — Esquece o jantar... por ora. — O seu sorriso aumentava lentamente, irresistível. — Mas insisto num ambiente ligeiramente mais estético. Terminar o programa — ordenou.

O beco, os cheiros e a confusão de corpos desapareceram num abrir e fechar de olhos. Estavam numa sala enorme e vazia com equipamentos e luzes que piscavam embutidas nas paredes. O chão e o tecto eram de um negro espelhado, para melhor projectarem as cenas holográficas disponíveis no programa.

Era um dos brinquedos mais recentes e sofisticados de Roarke.

— Iniciar Dispositivo Tropical 4-B. Manter o estado de controlo dual.

Em resposta surgiu o murmúrio de ondas, as partículas de luz a cintilarem na superfície da água. Debaixo dos pés dela havia o açúcar branco da areia e palmeiras balanceavam-se como bailarinas exóticas.

— Assim está melhor — decidiu Roarke, depois começou a desabotoar-lhe a blusa. — Ou estará, quando te puser toda nua.

— Há já quase três semanas que me pões toda nua sempre que pestanejo.

Ele ergueu a sobrancelha. — Privilégio de marido. Tens queixas a fazer?

*Marido.* Ainda não conseguia acreditar. Este homem com a juba negra do guerreiro, o rosto de poeta, os olhos azuis selvagens de Irlandês era o marido dela. Nunca se habituaria a isso.

— Não. Só uma... — Susteve a respiração quando a mão dele de dedos longos lhe tocou ao de leve os seios. — Só uma observação.

— Polícias. — Sorriu e desabotoou os jeans dela. — Sempre com observações. Não está de serviço, Tenente Dallas.

— Estava apenas a treinar os meus reflexos. Após três semanas longe do trabalho, fica-se um pouco enferrujada.

Ele deslizou a mão por entre as coxas nuas dela e apertou suavemente, a mão em concha, observando a cabeça dela a inclinar-se para trás num gemido. — Os teus reflexos estão ótimos — murmurou e puxou-a para cima da areia branca.

*A mulher dele.* Roarke gostava de pensar nisso, enquanto ela o espo-reava, enquanto se movia debaixo dele, enquanto permanecia deitada ao seu lado, exausta. Esta mulher fascinante, esta polícia dedicada, esta alma irrequieta pertencia-lhe.

Tinha observado o trabalho dela através do programa, o beco, o assassino louco de químicos. E soube que ela enfrentaria a realidade do seu trabalho com a mesma determinação dura e de uma coragem aterradora, como aquela que possuía na ilusão.

Ele admirava-a por isso. No entanto, essa determinação também lhe trazia maus momentos. Daqui a alguns dias regressariam a Nova Iorque e teria de a partilhar com os deveres dela. Por agora não queria partilhá-la com ninguém. Ninguém.

Os becos traseiros que exalavam um cheiro a lixo e a humanidade sem esperança não constituíam novidade para ele. Havia crescido nesses becos, tinha-se refugiado neles e, finalmente, fugido deles. Tornara a sua vida naquilo que era — e então, ela entrara, incisiva e letal como uma flecha disparada de um arco, e tudo se transformou novamente.

Houvera uma altura em que os polícias eram o inimigo, depois passaram a ser um entretenimento, agora estava ligado a uma.

Há duas semanas apenas, ele observara-a a andar na sua direcção num longo vestido de bronze e com flores nas mãos. As feridas no rosto, causadas por um assassino, haviam sido suavizadas com cosméticos. E naqueles olhos, naqueles olhos de cor de *brandy* que tanto revelavam, ele tinha descoberto nervosismo e divertimento.

*Cá vamos nós, Roarke.* Quase que a ouvira dizer isto quando pousou a mão na dele. *Nos bons e nos maus momentos, fico contigo. Deus nos ajude.*

Agora trazia a aliança dele, e ele a dela. Roarke insistira em que as usassem, apesar de tais tradições já não estarem exactamente na moda, em meados do século vinte e um. Ele queria uma lembrança tangível de tudo aquilo que significavam um para o outro, um símbolo disso.

Neste momento pegava na mão dela, beijava o dedo acima do anel dourado e ornamentado que lhe mandara fazer. Os olhos dela permaneciam fechados. Ele observava as linhas marcantes do seu rosto, a boca demasiadamente grande, as madeixas despenteadas do cabelo castanho.

— Amo-te, Eve.

As faces dela enrubesceram levemente. Emocionava-se com tanta facilidade, pensou ele. Interrogava-se se fazia ideia da grandeza do seu próprio coração.

— Eu sei. — Abriu os olhos. — Estou, hã, a começar a habituar-me a isso.

— Ainda bem.

Ouvia-se a canção da água a bater na areia, de brisas balsâmicas a sussurrarem por entre palmeiras emplumadas, e ela ergueu a mão para lhe pentear o cabelo do rosto. *Um homem como este, pensou, poderoso, rico, impulsivo, pode fazer surgir cenas como estas num estalar de dedos. E assim o fizera por ela.*

— Tu fazes-me sentir feliz.

O seu súbito sorriso amplo fez com que os músculos do estômago dela se contraíssem de alegria. — Eu sei. — Sem qualquer esforço aparente, levantou-a de forma a ela colocar as pernas à volta da cintura. Orgulhosamente, passava as mãos ao longo do dorso magro e musculado dela. — Estás pronta para admitir que te sentes feliz por eu te ter embarcado à força nesta viagem para fora do planeta, para passarmos os últimos dias da nossa lua-de-mel?

Fez um esgar ao lembrar-se do pânico que sentira, da recusa, de pés fincados no chão, em embarcar no transporte que ele tinha à espera, e de como ele rira às gargalhadas ao erguê-la por cima do ombro e ao obrigá-la a entrar a bordo, enquanto ela praguejava cobras e lagartos contra ele.

— Eu gostei de Paris — disse fungando. — E adorei aquela semana que passámos na ilha. Não via qualquer razão para irmos para um *resort* meio inacabado no espaço, quando iríamos passar a maior parte do nosso tempo na cama.

— Tu estavas com medo. — Tinha-o fascinado vê-la desencorajada com a perspectiva da sua primeira viagem para fora do planeta, e tinha-lhe dado um imenso prazer mantê-la ocupada e distraída durante a maior parte do tempo.

— Não estava nada. — *Aterrada*, pensou. *Aterrada de tanto medo*. — Aborrecia-me, e com razão, que tivesses feito planos sem me consultares.

— Lembro-me vagamente de uma pessoa envolvida num caso a dizer-me que planeasse o que me apetecesse. Eras uma noiva linda.

Os lábios dela desenharam um sorriso. — Era o vestido.

— Não, eras tu. — Levou uma mão ao rosto dela. — Eve Dallas. Minha.

O amor inundou-a. Parecia sempre vir em ondas enormes e inesperadas que a deixavam numa turbulência desamparada. — Eu amo-te. — Inclinou-se e pousou a boca na dele.

— Parece que és mesmo minha.

...

À meia-noite começaram a jantar. No terraço iluminado pela luz da Lua, no topo da torre do *Grand Olympus Hotel* quase concluído, Eve devorava lagosta recheada enquanto contemplava a vista.

O *Olympus Resort*, com Roarke a puxar os cordelinhos, estaria terminado e completamente reservado dentro de um ano. Por agora era apenas deles, desde que conseguisse ignorar a equipa de construção, o pessoal, os arquitectos, engenheiros, pilotos e outros moradores seleccionados que partilhavam esta enorme estação espacial.

Da pequena mesa de vidro, à qual estavam sentados, ela conseguia vislumbrar o centro de actividade do *resort*. As luzes estavam acesas para a equipa da noite, o zunir constante da maquinaria falava de vinte e quatro horas de trabalho diário. As fontes, as lanças de tochas simuladas e os arco-íris de cores a fluírem através das águas cuspidas eram, sabia-o, para ela.

Ele queria que Eve visse o que estava a construir e que, talvez, começasse a compreender, do que agora fazia parte. Como esposa dele.

*Esposa*. Ela deixou escapar o ar pela boca, ruidosamente, soprando o cabelo da testa e entornando o champanhe gelado que ele lhe vertera no copo. Ia levar algum tempo a compreender, como passara de Eve Dallas, tenente de homicídios, para esposa do homem que, segundo algumas vezes, tinha mais dinheiro e poder do que Deus.

— Algum problema?

Os olhos dela percorreram-lhe o rosto, sorriu um pouco. — Não. — Com uma concentração acrescida mergulhou um pedaço de lagosta na manteiga derretida — manteiga de verdade, não uma daquelas simulações à mesa de Roarke — e recolheu-o. — Como voltarei a enfrentar a cartolina que fazem passar por comida na cantina, quando regressar ao trabalho?

— De uma forma ou de outra, tu só comes barras de chocolate no

serviço. — Tornou a encher-lhe o copo, ergueu uma sobranceira quando ela estreitou os olhos.

— Estás a tentar embriagar-me, amigo?

— Completamente.

Ela riu-se, algo, apercebia-se, que fazia com mais frequência e com maior facilidade nestes últimos dias, encolheu os ombros e pegou no copo.

— Que se dane, eu faço-te o obséquo. E quando estiver embriagada, — ela bebeu o vinho caríssimo de um trago como se fosse água — dou-te uma montada que não irás esquecer tão depressa.

O desejo que julgara saciado de momento alastrava-se, aguçado, no ventre dele. — Bom, nesse caso, — encheu o próprio copo até ao bordo — vamos embriagar-nos os dois.

— Gosto disto aqui — anunciou Eve. Levantando-se da mesa, levou o copo até junto do parapeito grosso de pedra esculpida. Devia ter custado uma fortuna retirá-la da pedreira, depois fretá-la por navio — mas, no fim de contas, ele era o Roarke.

Inclinando-se sobre o parapeito, observou o espectáculo de luz e água, examinou os edifícios, todas as cúpulas e lanças, tudo tão cheio de brilho e elegância, para hospedar pessoas sumptuosas e os jogos sumptuosos que elas viriam jogar.

O casino estava completo e incandescia como uma bola dourada no escuro. Uma dúzia de piscinas estava iluminada para a noite e a água cintilava azul-cobalto. Rotas aéreas ziguezagueavam entre os edifícios e assemelhavam-se a fios prateados. De momento, os edifícios encontravam-se vazios, mas ela imaginava como seriam daqui a seis meses, um ano: a abarrotar de pessoas em sedas brilhantes e com jóias esplendorosas. Viriam para serem mimadas dentro das paredes de mármore dos *spa*, com os seus banhos de lama e espaços de revitalização corporal, os seus consultores de voz meiga e dróides solícitos. Viriam para perderem fortunas no casino, beberem licores exclusivos nos clubes nocturnos e fazerem amor com o corpo firme e suave de uma companhia certificada.

Roarke iria oferecer-lhes um mundo, e eles estavam autorizados a entrar. Mas não seria o mundo dela que iriam ocupar. Eve sentia-se mais à vontade nas ruas, no meio mundo barulhento do crime e da lei. Roarke compreendia isso, pensava, uma vez que vinha do mesmo mundo como ela. Por isso concedera-lhe este lugar, enquanto ainda permanecia apenas de ambos.

— Vais fazer algo disto — disse ela, e voltou-se para se encostar ao parapeito.

— É esse o plano.

— Não. — Abanou a cabeça, sentindo o prazer de começar a ficar atordoada com o vinho. — Tu vais fazer algo do qual as pessoas falarão durante séculos, algo com o qual sonharão. Percorreste um longo caminho, Roarke, do jovem gatuno que corria os becos traseiros em Dublin.

O sorriso dele surgiu lentamente, talvez um pouco manhoso. — Não tão longo assim, Tenente. Continuo a roubar carteiras — só que o faço de forma tão legal quanto possível. Ser casado com uma polícia limita certas actividades.

Olhou-o de sobrelhas carregadas. — Não quero ouvir falar nelas.

— Minha querida Eve. — Levantou-se e trouxe a garrafa com ele. — Sempre a obedecer às regras. Mas continua uma alma irrequieta que se apaixonou por um homem de carácter duvidoso. — Tornou a encher-lhe o copo, depois colocou a garrafa de lado. — Um homem que ainda há uns meses fazia parte da sua pequena lista de suspeitos de homicídio.

— Isso dá-te prazer? Seres suspeito?

— Se dá. — Passou o polegar sobre o queixo, onde uma ferida havia desvanecido — mas não da mente dele. — E estou um pouco preocupado contigo. — *Muito*, admitiu para si próprio.

— Sou uma polícia competente.

— Eu sei. A única que alguma vez admirei por completo. Que estranho revés do destino, ter-me apaixonado por uma mulher tão devotada à justiça.

— Parece-me muito mais estranho eu estar ligada a alguém que pode comprar e vender planetas como lhe dá na real gana.

— Casada. — Ele riu-se. Fê-la dar meia volta e encostou o rosto ao pescoço dela. — Diz lá, somos casados. Não te vais engasgar com a palavra.

— Eu sei o que somos. — Obrigando-se a relaxar, encostou-se mais a ele. — Deixa-me viver com isto por uns tempos. Gosto de estar aqui contigo, longe de tudo.

— Presumo, então, que estás feliz por te ter pressionado a estas três semanas.

— Tu não me pressionaste.

— Tive de insistir. — Mordeu-lhe a orelha ao de leve. — Fazer cara de mau. — Levou as mãos aos seios dela. — Implorar.

Ela resmungou. — Tu nunca imploraste nada. Mas, talvez tenhas insistido bastante. Eu nunca tinha tido três semanas de folga, desde... nunca.

Decidiu não a lembrar de que nunca tinha tido folga até precisamente agora. Ela raramente passava um período de vinte e quatro horas sem activar um programa que a pusesse ao corrente de um crime. — Porque não aumentamos para quatro?

— Roarke.

Ele riu de satisfação. — Estava só a testar-te. Bebe o teu champagne. Tu ainda não estás nem perto de embriagada para aquilo que tenho em mente.

— Há? — A pulsação dela deu um salto, fazendo-a sentir-se uma tonta. — E, o que é?

— Se eu o disser, perde a graça — decidi. — Vou só dizer que tenciono manter-te ocupada durante as quarenta e oito horas que nos restam aqui.

— Quarenta e oito horas? — Riu-se e esvaziou o copo. — Quando é que começamos?

— Não há melhor altura do que — interrompeu-se, de sobrolho carregado, quando soou a campainha da porta. — Eu disse ao pessoal para deixar as limpezas para depois. Fica aqui. — Voltou a enlaçar o roupão que acabara de desenlaçar. — Vou mandá-los embora. Para bem longe daqui.

— De caminho, traz outra garrafa — disse-lhe ela com um sorriso irónico, enquanto vertia as últimas gotas para dentro do copo. — Alguém bebeu esta toda.

Ele entrou, divertido, atravessou a grande sala de estar com o tecto em vidro claro e tapetes suaves como plumas. Para começar, iria tê-la ali, decidiu, no chão cedente, com as estrelas a girarem por cima deles. Extraiu um lírio longo e branco de um vaso em porcelana, imaginando como iria mostrar-lhe o que um homem inteligente é capaz de fazer a uma mulher com as pétalas de uma flor.

Sorria enquanto virava para entrar na ante-sala com paredes douradas e com uma vasta escadaria em mármore. Mexendo nos botões do ecrã do intercomunicador, preparava-se para mandar o empregado do serviço de quarto para o inferno.

Foi com alguma surpresa que deparou com o rosto de um dos seus engenheiros assistentes. — Carter? Há algum problema?

Carter passou a mão pela cara pálida de morte e lavada em suor. — Senhor, receio que sim. Preciso de falar consigo, por favor.

— Está bem. Só um momento. — Roarke soltou um suspiro enquanto desligava o ecrã e desengatava as fechaduras. Carter era jovem para a posição que ocupava, tinha à volta de vinte e cinco anos, mas era um génio do design e da execução. Se havia um problema com a construção, era melhor tratar disso agora.

— Há algo de errado com a trajectória aérea da passadeira junto ao salão? — perguntou Roarke ao abrir a porta. — Pensei que tivesse resolvido as falhas.

— Não — quero dizer, sim, senhor. Resolvi. Está a funcionar na perfeição.

Roarke notou que o homem tremia e logo esqueceu que tinha sido incomodado. — Houve algum acidente? — Pegou no braço de Carter, conduziu-o para dentro da habitação e indicou-lhe uma cadeira. — Alguém está ferido?

— Eu não sei — quero dizer, um acidente? — Carter pestanejou, olhou fixamente. — Menina. Senhora. Tenente — disse, ao ver Eve entrar. Começou a erguer-se da cadeira, mas voltou a cair, fraco, apenas com um ligeiro toque dela.

— Ele está em estado de choque — disse ela a Roarke com voz brusca. — Experimenta dar-lhe um *brandy*, daqueles caros que costumam ter por aqui. — Acocorou-se, mantendo o seu rosto ao mesmo nível do dele. As pupilas pareciam cabeças de alfinete. — Carter, não é? Tenha calma.

— Eu... — O rosto estava a ficar lívido. — Acho que vou...

Antes que conseguisse terminar a frase, Eve puxou-lhe a cabeça para baixo e segurou-lha entre os joelhos. — Respire. Apenas respire. Traz daí esse *brandy*, Roarke. — Estendeu a mão, e lá estava ele com um copo.

— Controle-se, Carter. — Roarke ajudou-o a recostar-se novamente nas almofadas. — Beba um pouco disto.

— Sim, senhor.

— Por amor de Deus, pare de me chamar de senhor.

As faces de Carter retomaram cor, por via do *brandy* ou do embaraço. Assentiu, bebeu, deixou escapar o ar dos pulmões. — Desculpe. Pensava que estava bem. Vim logo para aqui. Não sabia se devia — não sabia o que mais podia fazer. — Pôs a mão sobre o rosto como uma criança perante uma cena de um filme de terror. Respirou fundo e preferiu-o de um ápice. — É o Drew, Drew Mathias, o meu colega de quarto. Ele está morto.

O ar saía-lhe em golfadas dos pulmões e voltava a entrar em estreme-cimento. Tomou mais um gole generoso da bebida, engasgando-se.

Os olhos de Roarke semicerraram-se. Na sua mente tentava reconstruir uma imagem de Mathias: jovem, ambicioso, ruivo, sardento, um perito de electrónica com especialidade na área da autotrónica. — Onde, Carter? Como é que isso aconteceu?

— Pensei que devia contar-lho imediatamente. — Agora havia duas manchas vermelhas a alastrarem-se nas faces pálidas de Carter. — Eu vim logo contar-lho — e à sua esposa. Pensei que, uma vez que ela — é da polícia, podia fazer alguma coisa.

— Precisa de um polícia, Carter? — Eve retirou-lhe o copo da mão, que tremia. — Porque é que precisa de um polícia?

— Eu penso — ele deve ter — ele suicidou-se, Tenente. Ele está lá pendurado, simplesmente pendurado no candeeiro do tecto da sala. E a cara dele... Oh, meu Deus. Oh, Cristo.

Eve deixou que Carter enterrasse o rosto nas mãos dela e virou-se para Roarke. — Quem é a autoridade dentro da obra responsável por um caso destes?

— Nós temos segurança standard, na maior parte automatizada. — Aceitando o facto, ele anuiu com a cabeça. — Suponho que seja a Tenente.

— Está bem. Vê se me consegues reunir um kit de terreno. Preciso de um gravador — áudio e vídeo —, algum material isolante de protecção, sacos para a recolha de provas, pinças e algumas escovas pequenas.

Deixou escapar o ar dos pulmões e passou a mão pelo cabelo. Ele não teria por ali o equipamento que lhe indicasse a temperatura do corpo e a hora exacta da morte. Não haveria *scanner*, nem vassouras, nenhum dos químicos standard para o trabalho forense que habitualmente efectuava nos locais do crime.

Tinham de ser rápidos.

— Há um médico aqui, não há? Chamem-no. Ele terá de ser a nossa EM<sup>1</sup>. Vou vestir-me.

...

A maioria dos técnicos utilizava as alas acabadas do hotel para suas habitações. Carter e Mathias davam-se aparentemente bem, o suficiente para partilharem uma suite espaçosa de dois quartos durante o turno deles na estação. Ao descerem ao décimo andar, Eve entregou a Roarke o minúsculo gravador de mão.

— Sabes trabalhar com isto, não é verdade?

Ele ergueu uma sobrancelha. O aparelho tinha sido fabricado por uma das suas empresas. — Penso que consigo desenrascar-me.

— Ótimo. — Esboçou um sorriso. — Delego-te a função. Está bem, Carter?

— Estou. — Mas saiu do elevador para o hall do décimo andar como um embriagado a tentar passar numa prova de competência. Teve de limpar as mãos suadas às calças por duas vezes, antes que o ecrã conseguisse efectuar uma leitura nítida da palma da mão. Quando a porta deslizou e abriu, deu um passo atrás. — Tão depressa não gostaria de voltar a entrar aí.

---

<sup>1</sup> Equipa médica móvel. (N. da T.)

— Fique aqui — disse ela. — Posso precisar de si.

Eve entrou. As luzes cegavam de tão incandescentes, reguladas para potência máxima. A música retumbava das unidades embutidas nas paredes: música *rock* dura e estridente com um vocalista aos gritos que a fez recordar a sua amiga Mavis. O chão era coberto de azulejos de um azul das Caraíbas e induzia à ilusão de se estar a caminhar sobre água.

Ao longo das paredes norte e sul estavam instaladas bancas com computadores. Presumiu que se tratava de estações de trabalho, atulhadas de toda a espécie de quadros electrónicos, *microchips* e outras ferramentas.

Viu a roupa amontoada no sofá, os óculos protectores para as viagens na realidade virtual em cima da mesa de café, mais três tubos de cerveja asiática — dois deles já espalmados e dobrados, prontos para a unidade de reciclagem — e uma tigela com biscoitos salgados alemães.

E viu o corpo nu de Drew Mathias, balouçando suavemente de um laço improvisado de lençóis, amarrados à volta de um candeeiro de vidro azul cintilante.

— Ah, que inferno — deixou escapar num suspiro. — Que idade é que ele tem, Roarke, vinte?

— Não tem muito mais. — Os lábios de Roarke estreitaram-se enquanto examinava o rosto quase infantil de Mathias. Estava roxo, agora, os olhos protuberantes, a boca gelada entreaberta num esgar hediondo. Um maldoso capricho da morte deixara-o a sorrir.

— Bom, vamos fazer o que estiver ao nosso alcance. Dallas, Tenente Eve, Departamento de Polícia de Nova Iorque, a intervir, até que as autoridades espaciais competentes possam ser contactadas e transportadas para o local. Morte suspeita, não acompanhada. Mathias, Drew, *Olympus Grand Hotel*, quarto dez trinta e seis, 1 de Agosto de 2058, uma hora da manhã.

— Quero tirá-lo dali de cima — disse Roarke. Não o devia ter surpreendido a rapidez e a integridade com que ela passara de mulher a polícia.

— Ainda não. Agora também já não lhe faz diferença. Preciso de gravar o local do crime, antes de ser mexido. — Voltou-se para a porta. — Tocou em alguma coisa, Carter?

— Não. — Ele passou as costas da mão sobre a boca. — Abri a porta, tal como agora, e entrei. Julgo que fiquei parado à entrada por algum tempo. Apenas ali parado. Eu sabia que estava morto. Vi a cara dele.

— Porque não vai pela outra porta para o seu quarto? — Eve gesticulou para a esquerda. — Pode deitar-se e descansar um pouco. Vou precisar de falar consigo.

— Está bem.

— Não ligue para ninguém — ordenou.

— Não. Não, eu não vou ligar para ninguém.

Ela voltou-se novamente, trancou a porta. O seu olhar encontrou o de Roarke, e assim permaneceram um instante. Sabia que ele estava a pensar o mesmo, que havia pessoas — como ela — que não podiam escapar às cenas de morte.

— Vamos começar — disse-lhe.

O médico chamava-se Wang e era velho, como a maioria da assistência médica que trabalhava em projectos fora do planeta. Podia ter-se reformado aos noventa, porém, como tantos outros, escolheu andar de obra em obra, a cuidar de arranhões e feridas, a distribuir remédios para o enjoo espacial e o equilíbrio da gravidade, a ajudar ao nascimento de um bebé ocasional, a providenciar os diagnósticos requeridos.

Mas sabia quando estava perante um morto.

— Está morto. — A voz dele era arrastada, ligeiramente exótica. A pele tinha a cor amarelada do pergaminho e tantas rugas como um mapa antigo. Os olhos eram pretos, em forma de amêndoa. A cabeça era lisa e lustrosa, conferindo-lhe a aparência de uma antiga bola de bilhar um pouco desgastada.

— Pois, isso já tinha percebido. — Eve esfregou os olhos. Ela nunca se vira obrigada a lidar com um médico espacial, mas tinha ouvido falar neles. Não gostavam de ver a sua cómoda rotina interrompida. — Dê-me a causa e a hora da morte.

— Estrangulamento. — Wang encostou um dos seus dedos longos nas marcas perversas à volta do pescoço de Mathias. — Induzido por si próprio. Hora da morte, eu diria entre as dez e as onze da noite de hoje, deste mês, deste ano.

Ela ofereceu-lhe um sorriso mínimo. — Obrigada, Doutor. Não há outros sinais de violência no corpo, pelo que me inclino para o seu diagnóstico de auto-extermínio. Mas quero os resultados da análise química. Vamos ver se a morte não foi induzida quimicamente. Chegou a aplicar algum tratamento ao falecido?

— Não o sei dizer, mas ele não me parece familiar. Devo ter o seu registo médico, evidentemente, terá feito os exames standard comigo, quando chegou aqui.

— Também vou querer esses documentos.

— Farei os meus possíveis para a satisfazer, Senhora Roarke.

Ela estreitou os olhos. — Dallas, Tenente Dallas. Despache-se com isso, Wang. — Olhou novamente para o corpo. *Homem pequeno, pensou, magro, pálido. Morto.*

Franzindo os lábios, examinou o rosto. Já conhecia os estranhos truques que a morte, em particular a morte violenta, podia fazer com as ex-

pressões faciais, mas nunca tinha visto nada como aquele esgar de olhos esbugalhados. Provocava-lhe arrepios.

O desperdício, o patético desperdício de uma vida tão jovem fê-la sentir-se insuportavelmente triste.

— Leve-o consigo, Wang. Providencie-me os relatórios dos exames. Pode enviar os documentos básicos para a teleligação na minha suite. Preciso igualmente de saber do parente mais próximo.

— Com certeza. — Sorriu-lhe. — Tenente Roarke.

Ela sorriu de volta, mostrou os dentes, e decidiu que não ia brincar ao jogo dos nomes. De pé, colocou as mãos nas ancas, enquanto Wang instruíu os seus dois assistentes que transportavam o cadáver.

— Tu achas isto divertido — disse a Roarke entre dentes.

Pestanejou, todo ele inocência. — O quê?

— Tenente Roarke.

Tocou-lhe no rosto, porque necessitou de o fazer. — Porque não? Um pouco de descompressão cómica faz-nos bem.

— Pois, o teu Dr. Wang é uma piada fácil. — Observou como o médico zarpava à frente do rapaz morto colocado em cima da maca. — Fico furiosa. Fico completamente fora de mim.

— O nome não é assim tão mau.

— Não. — Quase que riu ao passar a mão pelo rosto. — Não é isso. É o rapaz. Um miúdo como este a deitar fora os seus próximos cem anos de vida. Isso deixa-me furiosa.

— Eu sei. — Estendeu as mãos para esfregar os ombros dela. — Tens a certeza de que foi suicídio?

— Não há sinais de luta. Não há ofensas corporais acrescidas. — Ela encolheu os ombros sob as mãos dele. — Vou entrevistar o Carter e falarei também com outros, mas, da forma como eu o vejo, Drew Mathias chegou a casa, ligou as luzes, a música. Bebeu umas cervejas, talvez tenha feito uma viagem à realidade virtual, comeu uns biscoitos alemães. Depois retirou os lençóis da cama, fez uma corda para ele, aplicou-lhe um laço corredo muito preciso, profissional.

Voltou-se novamente e examinou o quarto, deixando que a sua mente registasse o local do crime. — Ele despiu a roupa, atirou-a para o lado. Trepou para cima da mesa. Conseguiu-se ver o rasto húmido dos pés dele. Atou a corda ao candeeiro, provavelmente deu-lhe um bom puxão, para se certificar de que estava realmente segura. Depois enfiou a cabeça no laço, utilizou o controlo remoto para fazer subir o candeeiro, e estrangulou-se até à morte.

Eve segurou no controlo remoto que já tinha pedido para usar como prova. — Não terá sido rápido. A ascensão é lenta, não é forte o

suficiente para lhe partir o pescoço de forma limpa e eficaz, mas ele não lutou, não mudou de ideia. Se o tivesse feito, podiam ver-se arranhões no pescoço e na garganta, provocados pelas unhas ao tentar libertar-se com toda a força.

Roarke ficou de sobrolho carregado. — Mas, não seria instintivo, involuntário, ter justamente essa reacção?

— Não sei. Eu penso que dependeria de quanto queria morrer. E porquê. Podia estar sob o efeito de drogas. Em breve saberemos isso. Com a mistura certa de químicos, a mente não regista a dor. É mesmo possível que lhe tenha dado prazer.

— Não vou negar que circulam por aí algumas substâncias ilícitas. É impossível regular e supervisionar todos os hábitos e escolhas pessoais dos membros do pessoal. — Roarke encolheu os ombros, olhou com ar carregado para cima, para o lindíssimo candeeiro azul. — Mathias não me parece ser do tipo de consumidor habitual, nem mesmo ocasional.

— As pessoas são uma surpresa constante, e é um espanto interminável o que elas conseguem injectar para dentro da corrente sanguínea. — Eve também sacudiu os ombros em resposta. — Quanto às drogas, vou dar o tratamento habitual a este lugar; depois vou ver o que consigo descobrir através do Carter. — Com a mão puxou o cabelo para trás. — Porque não voltas para cima e dormes um pouco?

— Não, eu vou ficar, Eve, — afirmou, antes que ela pudesse reclamar — tu delegaste-me funções.

O argumento fê-la sorrir um pouco. — Qualquer ajudante decente saberia que preciso de um café para me aguentar nisto.

— Então, vou já providenciar um. — Segurou o rosto dela nas suas mãos. — Eu queria-te longe disto por algum tempo. — Largou-a e dirigiu-se à cozinha adjacente, para arranjar um café.

Eve entrou no quarto. A luz era débil e Carter estava sentado no lado da cama com a cabeça nas mãos. Teve um movimento brusco e sentou-se muito direito quando a ouviu entrar.

— Tenha calma, Carter, ainda não está detido. — Quando as faces dele empalideceram, sentou-se ao seu lado. — Desculpe, é o mau humor dos polícias. Eu vou gravar a nossa conversa, está bem?

— Sim. — Engoliu em seco. — Está bem.

— Dallas, Tenente Eve, entrevista com Carter — qual é o seu nome completo, Carter?

— Hã, Jack, Jack Carter.

— Carter, Jack, em relação à morte não acompanhada de Mathias, Drew. Carter, partilhava a suite dez trinta e seis com o falecido?

— Sim, há cinco meses. Éramos amigos.

— Conte-me o que se passou esta noite. A que horas chegou a casa?

— Não sei. Por volta da meia-noite e trinta, penso eu. Tive um encontro. Tenho saído com uma pessoa — Lisa Cardeaux — é uma dos designers paisagísticos. Queríamos dar uma saltada ao complexo de entretenimento. Mostravam um novo filme vídeo. Depois disso, fomos ao *Athena Club*. Está aberto para os funcionários do complexo. Tomámos umas bebidas, ouvimos música. Ela tem de se levantar cedo amanhã, por isso não ficámos até tarde. Levei-a para casa. — Esboçou um sorriso. — Tentei convencê-la a deixar-me subir. Mas ela não foi na conversa.

— Muito bem, quer dizer que levou uma tampa da Lisa. Depois veio directamente para sua casa?

— Sim. Ela fica mesmo ali, no bangaló para o pessoal. Gosta de morar lá. Não quer ficar fechada num quarto de hotel. É o que diz. São só uns minutos na passadeira, para chegar até aqui. Eu subi. — Respirou fundo, esfregou com uma das mãos a zona do coração, como para o acalmar. — O Drew tinha a porta trancada com o sistema de segurança. Tinha sempre essa paranóia. Algumas pessoas da equipa não queriam saber dos fechos e trincos de segurança, mas ele tinha o equipamento completo e não queria que ninguém o negligenciasse.

— A superfície de leitura da palma está codificada para mais alguém, além dos dois?

— Não.

— Muito bem. E depois?

— Vi-o. Assim que entrei. E então vim logo cá acima ter convosco.

— Qual foi a última vez que o viu com vida?

— Hoje de manhã. — Carter esfregou os olhos, tentando visualizar a normalidade daquele encontro. Comida leve, conversa resmungada. — Tomámos o pequeno-almoço juntos.

— Como é que ele estava? Zangado, deprimido?

— Não. — E então os olhos de Carter focaram-se e, pela primeira vez, pareceram animar-se. — É isso que eu não consigo entender. Ele estava bem. Esteve sempre na brincadeira, a gozar comigo por causa da Lisa, por eu não ter — por assim dizer — marcado pontos. Estivemos a picar-nos um ao outro, coisa de amigos. Disse-lhe que não tinha marcado nada há tanto tempo, que já nem daria por isso, se marcasse. E porque não arranjava uma mulher e vinha connosco esta noite, para ver como se fazia.

— Ele andava a sair com alguém?

— Não. Estava sempre a falar da sua querida, à qual se sentia muito agarrado. Ela não está nesta estação espacial. A querida. Era assim que ele lhe chamava. Planeava visitá-la no seu próximo ciclo livre. Dizia que ela tinha tudo, inteligência, beleza, corpo e uma energia para o sexo

sem limites. Não via razão para brincar com modelos menores, se tinha o mais avançado.

— Não sabe o nome dela?

— Não. Era apenas A Querida. Para ser honesto, eu penso que ele inventou isso tudo. O Drew não era exactamente do tipo de “querida”, não era feito desse material. E era tímido com as mulheres, gostava mais dos jogos de fantasia e da sua autotrónica. Estava sempre a trabalhar nalguma coisa.

— E quanto a outros amigos?

— Não tinha muitos. Era muito calado na presença de muitas pessoas, mais virado para dentro, se me faça entender.

— E substâncias ilícitas, Carter, ele consumia alguma coisa?

— O Drew? — Os olhos cansados dele esbugalharam-se. — Impossível. Absolutamente impossível. Ele era certinho como um relógio. Não brincaria com substâncias ilícitas, Tenente. Tinha uma mente equilibrada e queria mantê-la assim. E também queria manter o emprego, fazer carreira. Uma pessoa é despedida por esse tipo de coisas. Basta ser apanhada uma única vez durante um exame médico.

— Tem a certeza de que teria sabido, se ele decidisse experimentar?

— Conhece-se bem uma pessoa com a qual se mora junto durante cinco meses. — Os olhos de Carter ficaram novamente tristes. — Acostumamo-nos a ela — aos hábitos e tudo. Como já referi, ele não convivía muito com outras pessoas. Era mais feliz sozinho, a mexerica no seu equipamento, a mergulhar em programas de simulação.

— Um solitário, portanto, um introvertido.

— Sim, era desse tipo. Mas não andava zangado, não andava deprimido. Dizia que estava quase a descobrir algo em grande, um brinquedo novo. Estava sempre a inventar brinquedos novos — murmurou Carter. — Ainda na semana passada disse que desta vez iria fazer uma fortuna e fazer concorrência ao Roarke.

— Ao Roarke?

— Não queria dizer nada com isso — interveio Carter rapidamente, defendendo o falecido. — Tem de compreender, o Roarke — para muitos de nós — bem, ele é gelo, percebe? Gelo sólido. A rebolar-se em créditos, com roupas magníficas, casa extraordinária, poder e mais poder, nova mulher sexy. — Interrompeu-se, enrubescou. — Peço desculpa.

— Não há problema. — Iria decidir mais tarde se a divertia ou espantava, um rapaz de vinte anos considerá-la sexy.

— É o que muitos de nós, os técnicos — bem muitas pessoas em geral —, aspiramos ser, mais ou menos. Roarke é como o epítome. O Drew admirava-o totalmente. Ele tinha ambições, Senhora — Tenente. Tinha ob-

jectivos e planos. Porque faria uma coisa destas? — De repente, os olhos dele inundaram-se. — Porque faria uma coisa destas?

— Não sei, Carter. Às vezes não há como saber porquê.

Reconduziu-o de volta ao sucedido, ajudou-o a lembrar-se de tudo novamente, até obter uma imagem de Drew que se coadunasse. Uma hora mais tarde, já não havia nada a fazer senão elaborar um relatório para quem viesse transportado para a estação para concluir o caso.

Encostou-se à parede espelhada do elevador, quando, juntamente com Roarke, voltavam para a *penthouse*. — Foi bem pensado, colocá-lo noutro quarto noutro piso. Talvez assim durma melhor, esta noite.

— Vai dormir melhor se tomar os tranquilizantes. E tu? Vais conseguir dormir?

— Sim. Mas desligava melhor de tudo se fizesse uma pequena ideia daquilo que o estava a perturbar, daquilo que o levou a matar-se. — Saiu para o corredor, esperou até que Roarke desbloqueasse o sistema de segurança da suite. — A imagem que eu tenho é a de um técnico teu mediano a alimentar-se de grandes aspirações. Tímido com as mulheres, gostava da fantasia. Feliz no seu trabalho. — Ergueu os ombros. — Não tinha chamadas atendidas nem realizadas na teleligação, não havia *e-mails* recebidos nem enviados, nem mensagens gravadas, e o sistema de segurança foi activado por Mathias às dezasseis e desactivado por Carter às zero e trinta e três. Ele não recebeu visitas, não saiu. Acomodou-se para passar o final da tarde e depois enforcou-se.

— Não é um homicídio?

— Não, não é um homicídio. — Isso tornava tudo melhor, interrogou-se, ou pior? — Ninguém tem a culpa, ninguém vai ser castigado. Há apenas um miúdo morto. Uma vida desperdiçada. — Virou-se, de repente, e colocou os braços à volta dele, com força. — Roarke, tu mudaste a minha vida.

Com um dedo ergueu o rosto dela. Os olhos não estavam húmidos, mas secos, intensos e zangados. — O que se passa?

— Tu mudaste a minha vida — repetiu. — Ou, pelo menos, uma parte dela. Começo a entender que é a melhor parte dela. Eu quero que te lembres disso, quando regressarmos e as coisas voltarem à rotina, caso eu me esqueça de te dizer o que sinto ou o que penso ou o quanto significas para mim.

Emocionado, premiu os lábios curvados contra a sobrancelha dela. — Não vou deixar que te esqueças. Vem, vamos para a cama. Estás cansada.

— Sim, estou. — Afastou o cabelo do rosto, enquanto se dirigiam para o quarto. Já faltavam menos de quarenta e oito horas, lembrou-se. Não

ia permitir que uma morte inútil viesse estragar o tempo que lhes restava da lua-de-mel.

Angulou a cabeça, pestanejou provocante. — Sabes que o Carter acha que eu sou sexy?

Roarke parou. Estreitou os olhos. — Como?

Ah, ela adorava quando aquela voz cadenciada irlandesa se tornava arrogante. — Tu és gelo — continuou, fazendo circular a cabeça por cima dos ombros tensos, enquanto desabotoava a blusa.

— Sou? Sou mesmo?

— Gelo sólido, o que, como diria Mavis, é magnífico. E, em parte, a razão pela qual és gelo, caso não o saibas, é porque tens uma mulher nova que é sexy.

Despida até à cintura, ela sentou-se na cama e tirou os sapatos. Deitou-lhe um olhar rápido e viu que ele enfiara as mãos nos bolsos e que sorria irónico. Os lábios dela também esboçaram um sorriso. Era muito bom sorrir.

— Então, homem de gelo, — levantou a cabeça, coquete, ergueu uma sobrancelha — o que vais fazer com a tua nova mulher sexy?

Roarke passou a língua pelos dentes, depois aproximou-se. — Não será melhor eu demonstrá-lo?

...

Ao enfrentar a viagem de volta, ela pensou que seria melhor ser lançada através do espaço como uma esfera de raios de uma criança. Enganara-se.

Eve argumentou, expondo razões que considerava muito lógicas, porque não devia entrar no transporte privado de Roarke.

— Eu não quero morrer.

Ele riu-se, o que fez os olhos dela chisparem de raiva, depois simplesmente agarrou nela e carregou-a em braços para bordo. — Eu não fico aqui. — O coração dela batia, descompassado, contra o peito, quando ele entrou com ela na cabina de pelúcia. — Estou a falar a sério. Terás de me pôr inconsciente para me obrigares a ficar nesta armadilha mortal voadora.

— Hum, hum. — Escolheu uma cadeira ampla em forma de pá funda, em cabedal preto e macio, sentou-se, ainda com ela ao colo, e, com movimentos rápidos, prendeu-a à cadeira, agarrando-lhe os braços para limitar quaisquer possíveis represálias.

— Ei, pára com isso. — Em pânico, ela lutava, censurava, praguejava. — Deixa-me sair daqui. Larga-me.

O belo traseiro a agitar-se no colo dele deu-lhe uma pista sólida de como tencionava passar as primeiras horas da viagem. — Descole, assim

que o espaço estiver livre — ordenou ao piloto, depois sorriu para a assistente de bordo. — Por algum tempo, não vamos precisar de si — disse-lhe e bloqueou as fechaduras de acesso à cabina, após a sua retirada discreta.

— Eu vou magoar-te — prometeu Eve. Quando ouviu o som dos motores a aumentarem de velocidade e sentiu a leve vibração debaixo dos pés, sinal de que estavam a levantar voo, considerou seriamente desfazer o arnês de segurança com os próprios dentes. — Eu não participo nisto. Diz-lhe para abortar a partida.

— Tarde de mais. — Colocou os braços à volta dela, esfregou o rosto no pescoço. — Relaxa, Eve. Confia em mim. Estás mais segura aqui do que a conduzir pelo centro da cidade.

— Tretas. Oh, Cristo. — Ela fechou os olhos com força quando o motor deixou escapar um rugido potente. O vaivém espacial parecia disparar em linha recta para o alto, deixando o estômago dela aos tombos no chão. A força de gravidade atirou-a para trás, colando-a a Roarke.

Quando a arrancada se estabilizou, ela mal respirava. Descobriu que a pressão que sentia no peito se devia ao facto de estar a sustentar a respiração. Deixou escapar o ar dos pulmões num ruidoso alívio, depois voltou a sugar o ar como um mergulhador chegado à superfície, vindo das profundezas.

Ela continuava viva, constatou para si. E isso era um feito glorioso. Agora teria de o matar. Foi então que se deu conta de que já não se encontrava presa, mas que a sua blusa estava desabotoada e que as mãos dele pousavam nos seios dela.

— Se pensas que vamos ter sexo, depois de tu...

Ele limitou-se a rodá-la de forma a ficarem cara a cara. Podia ver o brilho de humor e de desejo nos olhos dele, mesmo antes de ele abocanhar suavemente o seio dela.

— Filho da mãe. — Mas ria-se já, sentindo o prazer inundá-la, e enganchou as mãos atrás da cabeça dele, urgindo-o a continuar.

Nunca tomara como certo o que ele era capaz de fazer-lhe, fazer por ela. Aquelas ondas selvagens de prazer, o seu deslizar lento e excitante. Balouçava-se contra ele, permitindo a si própria esquecer-se de tudo, menos da forma como os seus dentes mordiscavam, a língua dele lambia.

Assim, foi ela que o arrastou para cima do tapete grosso e suave, foi ela que conduziu a boca dele de encontro à dela. — Dentro de mim. — Puxava a camisa dele, queria aquela carne dura e musculada, debaixo da mão dela. — Quero-te dentro de mim.

— Ainda nos restam horas. — Voltou a inclinar-se sobre os seios dela, tão pequenos, tão firmes, quentes dos afagos das suas mãos. — Preciso de saborear-te.

E fê-lo, prodigamente. A variação subtil de sabores, da boca para a garganta, da garganta para o ombro, do ombro para o seio. Coleccionava-os com ternura, com fineza, com uma concentração calma focada no prazer mútuo.

Ele começou a senti-la tremer sob as suas mãos e boca. A pele dela humedecia enquanto ele deambulou em direcção ao ventre, lhe desapertou as calças, abriu caminho por entre as coxas, mordiscando-a. A língua dele golpeou-a, fazendo-a gemer. As ancas arquearam-se para ele, no momento em que ele as agarrava, as erguia, e a abria. Quando a língua deslizou, preguiçosa, para dentro do calor dela, sentiu o primeiro orgasmo a percorrê-la.

— Mais. — Guloso, ele agora devorava. Ela perdia-se por ele, como nunca o teria feito por mais ninguém, sabia-o. Ela perdia-se naquilo que faziam juntos.

Quando ela estremeceu, quando as mãos dela repousavam moles no tapete, ergueu-lhe suavemente o corpo e entrou nela. Xeque-mate.

Os olhos dela agitaram-se e abriram-se, olharam-no nos olhos. Concentração, foi o que neles encontrou. Controlo absoluto. Ela queria, precisava de destruí-lo, saber que podia fazê-lo, tal como ele podia.

— Mais — insistiu, cruzando as pernas à volta da cintura dele, para o tomar mais fundo. Viu o breve tremor nos olhos, a necessidade profunda e negra que habitava nele, puxando a boca dele para a dela, esfregando os dentes sobre aqueles lábios belos, movendo-se debaixo dele.

Cerrou as mãos à volta do cabelo dela, a respiração acelerava-se enquanto se empurrava continuamente para dentro dela, cada vez mais forte, cada vez mais rápido, até pensar que o coração lhe fosse explodir com a ferocidade do acto. Ela acompanhou-o, investida por investida, impulso por impulso, enterrando as unhas curtas por pintar nas costas, nos ombros, nas ancas dele. Deliciosas pequenas ferradas de dor.

Ele sentiu-a atingir novamente o orgasmo, as contracções violentas dos músculos a embaterem nele, sentia-o como uma glória. *Novamente*, era tudo em que conseguia pensar. *Novamente e novamente e novamente*, enquanto se afundava nela, engolia cada arquejo e cada gemido dela, estremeecendo ao escutar o som excitante de carne húmida a bater contra carne húmida.

Sentiu o corpo dela ficar novamente tenso, prestes a atingir o pico. Quando o longo e profundo gemido lhe atravessou a garganta e se soltou dos lábios, ele enterrou o rosto no cabelo dela e, numa estocada final, esvaziu-se.

Desmoronou em cima dela, a mente desfocada, o coração a tamborilar. Ela permanecia mole como água debaixo dele, exceptuando a fúria do seu coração a bater contra o peito.

— Não podemos continuar assim — conseguiu dizer ela, passado um momento. — Ainda nos matamos um ao outro.

Ele riu, arquejante. — De qualquer forma, será uma morte boa. Eu tinha pensado num pouco mais de romantismo — um pouco de vinho e de música, para terminarmos a nossa lua-de-mel em grande. — Levantou a cabeça e sorriu para ela. — Mas isto também não está nada mal.

— O que não significa que já não esteja furiosa contigo.

— Naturalmente. Temos tido o melhor sexo quando estás zangada comigo. — Abocanhou o queixo dela, passou a língua pela leve concavidade ao centro. — Eu adoro-te, Eve.

Enquanto tentava encaixar as suas palavras, como sempre o fazia, ele rolou de cima dela, pôs-se de pé com destreza e caminhou nu para uma mísula espelhada que se encontrava no meio de duas cadeiras. Encostou-lhe a palma da mão e uma porta entreabriu-se. — Tenho uma coisa para ti.

Ela olhou para a caixa em veludo com suspeição. — Tu não tens de me dar presentes. Sabes que não quero que o faças.

— Sim, deixa-te desconfortável e apreensiva. — Sorriu irónico. — Talvez seja por isso que o faço. — Sentou-se no chão, ao lado dela, e entregou-lhe a caixa. — Abre-a.

Imaginou que se tratasse de uma jóia. Parecia encantá-lo decorar-lhe o corpo: com diamantes, esmeraldas, fios de ouro, o que a estonteava e a fazia sentir-se esquisita. Mas quando a abriu, viu unicamente pétalas brancas.

— É uma flor?

— Do teu *bouquet* de noiva. Mandei dar-lhe um tratamento.

— Uma petúnia. — Estava emocionada e com lágrimas nos olhos ao retirar a flor da caixa. Simples, básica, vulgar, uma flor que podia brotar em qualquer jardim. As pétalas eram macias, orvalhadas e frescas.

— É um novo processo, no qual uma das minhas empresas tem estado a trabalhar. Preserva sem alterar a textura de base. Eu queria que a tivesses para ti. — Agarrou-lhe a mão. — Queria que ambos a tivéssemos, para recordarmos que há coisas que perduram.

Ela ergueu a cabeça e olhou-o nos olhos. Ambos tinham vindo da miséria, tinham-na superado. Tinham sido arrastados um para o outro através de violência e tragédia, e tinham-no superado. Percorriam caminhos diferentes, mas haviam encontrado uma rota comum.

*Há coisas que perduram, pensou ela, coisas vulgares. Como o amor.*

As três semanas de ausência não haviam mudado em nada a Central de Polícia. O café continuava intragável, o barulho difícil de suportar e a vista da escassa janela permanecia uma miséria.

Ela sentia-se radiante por estar de volta.

Os polícias da unidade haviam providenciado uma mensagem para lhe dar as boas-vindas. Uma vez que esta se encontrava a piscar manhosamente no monitor quando entrou, deduziu que fora o velho amigo Feeney, o génio de electrónica, que havia ludibriado o código de acesso.

BEM-VINDA TENENTE PRAZERES DE AMOR  
Hubba-hubba

*Hubba-hubba?* Deixou escapar uma risada breve. Humor sem graça, talvez, mas fazia com que se sentisse em casa.

Olhou para a confusão em cima da secretária. Não tinha tido tempo para organizar nada, entre a conclusão inesperada de um caso durante a festa de despedida de solteira e o dia do casamento. Contudo, reparou no disco cuidadosamente selado, etiquetado com competência, em cima da pilha de documentos que deixara para trás.

Deveria ser obra de Peabody, concluiu. Introduziu o disco na unidade e praguejou, desferindo palmadas na *drive* com o intuito de curar a onda de soluços que o assolara, e viu que Peabody havia realmente elaborado o relatório de prisão, tinha-o arquivado e feito o *log*.

O caso nunca poderia ter sido fácil para ela, reflectiu Eve, uma vez que na altura partilhava a cama com o acusado.

Voltou a olhar para a pilha de trabalho e fez um esgar. Datas e mais datas de tribunal acumulavam-se e tinham de ser cumpridas dentro dos próximos dias. O malabarismo das marcações que tivera de fazer para satisfazer as exigências de Roarke e tirar três semanas de férias tinha o seu preço. Chegara a hora de pagar.

Pensando bem, também ele tinha feito a sua parte de malabarismos. E agora estava na altura de voltar ao trabalho e à realidade. Em vez de rever os casos, nos quais em breve teria de testemunhar, iniciou a ligação e lançou uma busca pela Agente Peabody.

No monitor surgiu o rosto familiar, adornado por uma espessa touca de cabelo. — Seja bem-vinda, Tenente.

— Obrigada, Peabody. Venha ao meu gabinete, por favor, o mais depressa possível.

Sem esperar a resposta, Eve desligou a unidade e sorriu para consigo. Tinha feito o que estava ao seu alcance para que Peabody fosse transferida para a divisão de homicídios. Mas, pretendia ir um pouco mais longe. Tornou a activar a teleligação.

— Tenente Dallas. O comandante está livre?

— Tenente. — Era a secretária do comandante que lhe sorria radiante do outro lado. — Como foi a sua lua-de-mel?

— Foi muito agradável. — Sentiu uma breve onda de calor a inundá-la perante o brilho nos olhos daquela mulher. O *hubba-hubba* divertira-a, mas este olhar sonhador deixava-a pouco à vontade. — Obrigada.

— A Tenente era uma noiva encantadora. Eu vi as fotografias, houve várias notícias sobre o evento e na imprensa cor-de-rosa não se falava de outra coisa. Também vimos os vossos *clips* de Paris. Parecia tudo tão romântico.

— Sim. — *Era o preço da fama. E de Roarke.* — Foi... agradável. Hã, o comandante?

— Ah, claro. Um momento, por favor.

Enquanto ouvia os zumbidos da ligação a ser estabelecida, Eve revirou os olhos. Ela até podia aceitar ser o centro das atenções, mas nunca iria sentir prazer nisso.

— Dallas. — O sorriso rasgado do Comandante Whitney era do tamanho de um acre, e um olhar estranho desenhava-se naquele rosto severo e escuro. — Está com um aspecto... bom.

— Obrigada, Comandante.

— Divertiu-se na sua lua-de-mel?

Oh, Cristo, pensou. Quando é que alguém iria perguntar-lhe se ela se divertira a ter sexo à volta do mundo e fora dele, no espaço? — Sim, Comandante. Obrigada. Presumo que já tenha lido o relatório da Agente Peabody sobre a conclusão do caso *Pandora*.

— Sim, está muito completo. A acusação vai pedir a pena máxima para Casto. Foi por um triz, Tenente.

Ela bem sabia que por um triz quase perdera não só o dia do seu casamento, mas todo o resto da sua vida. — É difícil de aceitar quando se trata de um outro polícia — disse. — Eu estava sob pressão, Comandante, e não tive tempo senão para recomendar a transferência permanente da Agente Peabody para a minha unidade. A assistência dela neste assunto, tal como em outros, tem sido de um valor inestimável.

— Ela é uma boa polícia — anuiu Whitney.

— Concordo plenamente e tenho um pedido a fazer-lhe, Comandante.

Cinco minutos depois, quando Peabody entrou no gabinete atulhado, Eve estava recostada na cadeira a passar os dados no monitor. — Tenho uma audiência no tribunal daqui a uma hora — disse Eve, sem preliminares. — Trata-se do caso Salvatori. O que sabe sobre isso, Peabody?

— Vito Salvatori está a ser julgado por homicídio múltiplo, com a circunstância agravada de tortura. Ele é um alegado distribuidor de substâncias ilícitas e é acusado do homicídio de três outros traficantes conhecidos de Zeus e TRL<sup>2</sup>. As vítimas foram queimadas vivas numa hospedaria em *Lower East Side* no Inverno passado — após lhes terem sido arrancados os olhos e a língua com uma faca. A Tenente estava destacada.

Peabody recitava os dados em tom factual, enquanto permanecia em sentido dentro da sua farda impecável.

— Muito bem, Agente. Leu o meu relatório de prisão respeitante a este caso?

— Li, Tenente.

Eve acenou com a cabeça. Um *airbus* passava ribombante pela janela, espalhando barulho e deslocando o ar. — Então sabe que, antes de prender o Salvatori, parti-lhe um braço junto ao cotovelo, fracturei-lhe o maxilar e aliviei-o de alguns dentes. Os advogados dele vão tentar tramar-me alegando excesso no uso da força.

— Não vão ter tarefa fácil, Tenente, uma vez que o acusado tentava incendiar o edifício a toda a sua volta quando o dominou. Se não o tivesse impedido, de uma forma ou de outra, ele estaria frito. Por assim dizer.

— Bom, Peabody, tenho de rever este e vários outros casos até ao final desta semana. Preciso que me faça o *download* e me condense toda a informação sobre os casos que constam da minha agenda. Pode entregar-me os dados requeridos daqui a trinta minutos junto à saída oriental.

— Tenente, estou de serviço. O Detective Crouch confinou-me à tarefa de verificar os registos de matrícula. — Apenas um leve tom de desprezo na voz deixava adivinhar o que Peabody realmente pensava de Crouch e da tarefa miserável de que a incumbira.

— Eu trato do Crouch. O comandante aceitou o meu pedido. A Peabody está a meu cargo. Portanto, transfira qualquer serviço da treta que lhe tenham dado para outro e mexa-se.

Peabody pestanejou. — Estou a seu cargo, Tenente?

— Teve algum problema nos ouvidos na minha ausência?

---

<sup>2</sup> Zeus e TRL, aqui como alucinogéneos. (N. da T.)

— Não, Tenente, mas...

— Tem algum fraquinho pelo Crouch? — Deliciava Eve ver a boca séria de Peabody escancarar-se de espanto.

— Está a brincar comigo? Ele é... — Controlou-se e endireitou as costas. — Ele não faz o meu tipo, Tenente. E creio que aprendi a minha lição sobre as ligações amorosas no trabalho.

— Não se culpabilize mais por causa disso, Peabody. Eu também gostava do Casto. O seu desempenho no caso foi irrepreensível.

Ajudava-a ouvir isso, mas a ferida continuava aberta. — Obrigada, Tenente.

— E é por isso que agora está a meu cargo a título permanente. Quer o distintivo de detective, Agente?

Peabody sabia o que lhe estava a ser dado: a oportunidade, a oferta caída do céu. Fechou os olhos por um momento, até poder controlar a emoção na voz. — Quero, Tenente.

— Ótimo. Vai ter de trabalhar muito por isso. Recolha os dados que lhe pedi e mexa-se.

— É para já. — Chegada à porta, Peabody estacou e voltou-se. — Estou-lhe muito grata pela oportunidade que me dá.

— Não esteja. É merecida. E, se fizer algo de errado, despromovo-a a polícia de trânsito. De trânsito aéreo.

...

Testemunhar em tribunal fazia parte do trabalho, recordava Eve a si própria, assim como as raposas da alta sociedade, como S. T. Fitzhugh, advogado de defesa. Ele era manhoso e inteligente, um homem que defendia as formas de vida mais baixas — desde que houvesse dinheiro para lhe pagar. O sucesso dele em ajudar os lordes da droga, assassinos e violadores a escaparem às garras da lei pagava-lhe os fatos em tom creme e os sapatos feitos à mão que usava.

A sua figura na sala de tribunal era deslumbrante, a pele em tom de chocolate derretido a contrastar com as cores e tecidos em tom pastel que normalmente exibia. O rosto oblongo e estético era suave como a seda do casaco que usava, graças ao tratamento três vezes por semana no *Adonis*, o salão de beleza masculino mais caro da cidade. O corpo apresentava-se treinado — estreito nas ancas e largo nos ombros — e a voz era o barítono profundo e rico de um cantor de ópera.

Ele cortejava a imprensa, socializava com a elite criminoso e era dono do seu próprio *Jet Star*, avião a jacto espacial.

Um dos pequenos prazeres de Eve era desprezá-lo.

— Deixe-me tentar entender melhor, Tenente. — Fitzhugh levantou as mãos e juntou os polegares, formando uma espécie de enquadramento. — Entender melhor as circunstâncias que a levaram a atacar o meu cliente no seu local de negócios.

O advogado de acusação objectou. Fitzhugh reformulou graciosamente. — A Tenente Dallas causou ao meu cliente severas ofensas corporais na noite em questão.

Olhou para trás, para Salvatori, que envergava um simples fato preto para a ocasião. Seguindo o conselho do advogado, prescindira durante os últimos três meses dos seus tratamentos de beleza e de rejuvenescimento. O cabelo apresentava fios cinzentos, o que conferia ao rosto e ao corpo um ar abatido. Parecia velho e indefeso.

Eve imaginou que o júri estaria a fazer a comparação entre a jovem e treinada polícia e o homem idoso e delicado.

— O Sr. Salvatori resistiu à prisão e tentou provocar um incêndio com um acelerante. Era necessário impedi-lo.

— Impedi-lo? — Lentamente, Fitzhugh recuou na sala do tribunal, passou pelo dróide que redigia o protocolo, moveu-se até junto do júri, arrastando consigo as imagens de seis câmaras automatizadas quando, por fim, pousou uma mão solícita no ombro de Salvatori. — Teve de o impedir, e isso resultou num maxilar partido e um braço fracturado.

Eve lançou um olhar rápido ao júri. Vários membros do painel pareciam simpatizar demasiadamente com o acusado. — Correcto. O Sr. Salvatori recusou-se a atender o meu pedido e sair do edifício — e a largar a tocha de acetileno que tinha em sua posse.

— A Tenente estava armada?

— Sim, estava.

— E trazia consigo a arma standard autorizada aos membros do Departamento da Polícia de Nova Iorque?

— Sim.

— Se, como o alega, o Sr. Salvatori se encontrava armado e resistia, porque não utilizou o dispositivo de paralisação?

— Utilizei-o, mas falhei o alvo. O Sr. Salvatori estava bastante ágil nessa noite.

— Estou a ver. Nos seus dez anos ao serviço da polícia, Tenente, quantas vezes considerou necessário empregar a força máxima? Exterminar?

Eve ignorou o nervoso miudinho a instalar-se no estômago. — Três vezes.

— Três? — Fitzhugh deixou a palavra suspensa, esperou que o júri analisasse a mulher no banco de testemunhas. Uma mulher que havia matado.

— Não lhe parece um rácio bastante elevado? Não considera esta percentagem indicadora de uma predilecção pela violência?

O advogado de acusação ergueu-se indignado, objectou severamente, utilizando a linha de argumentação standard de que a testemunha não estava sob julgamento. Mas era óbvio que estava, pensou Eve. Os polícias estavam constantemente sob julgamento.

— O Sr. Salvatori encontrava-se armado — iniciou Eve com frieza. — Eu trazia comigo o mandado da sua captura, por tortura e homicídio de três pessoas. Três pessoas, cujos olhos e língua haviam sido arrancados antes de terem sido incendiadas, crime pelo qual o Sr. Salvatori se encontra hoje como acusado neste tribunal. Ele recusou-se a colaborar, agitando um cutelo na direcção da minha cabeça, o qual me despedaçou a mira. Depois precipitou-se sobre mim, atirando-me ao chão. Penso que as suas palavras foram estas: “Eu vou arrancar o teu coração de cabra de polícia”. Nessa altura lutávamos corpo a corpo, e foi então que lhe fracturei o maxilar, lhe dei cabo de alguns dentes e, quando ele agitou a tocha na minha direcção, lhe parti o maldito braço.

— E isso deu-lhe prazer, Tenente?

Encarou Fitzhugh olhos nos olhos. — Não, não deu. Mas deu-me imenso prazer estar viva.

...

— Nojento — resmungou Eve entre dentes ao entrar no seu veículo.

— Ele não vai conseguir ilibar o Salvatori. — Peabody também se instalara e, para diminuir o calor insuportável que se fazia sentir dentro do carro, remexia na unidade de controlo de temperatura. — As provas são muito evidentes. E a Tenente não se deixou abalar.

— Deixei, sim. — Eve passou a mão pelo cabelo e introduziu-se no tráfego citadino de fim de tarde. As ruas encontravam-se suficientemente atoladas para lhe provocarem um ranger de dentes, mas, sobre as suas cabeças, o céu era cruzado por *airbus*, carrinhas de turismo e os transportes públicos do final do dia. — Nós fazemos tudo para colocarmos tipos como o Salvatori na cadeia, e depois vêm homens como o Fitzhugh fazer fortunas a tirá-los de lá novamente. — Fez um movimento brusco com o ombro. — Por vezes, isso deixa-me furiosa.

— Independentemente de quem quer que os traga de novo para a rua, continuaremos a fazer tudo para os colocar de volta na prisão.

Com um meio sorriso, Eve olhou para a assistente de soslaio.

— É uma optimista, Peabody. Só resta saber por quanto tempo. Vou fazer um pequeno desvio, antes de voltarmos a fazer o *log* — disse, mu-

dando de direção num impulso. — Quero libertar os meus pulmões do ar daquela sala de tribunal.

— Tenente, hoje não precisou de mim naquela audiência. Porque tive de estar presente?

— Se quer o tal distintivo de detective, deve saber o que a espera, Peabody. Não são só os assassinos e os ladrões e os tipos com a cabeça cheia de químicos. São também os advogados.

Não a surpreendeu ver as ruas todas obstruídas, sem qualquer possibilidade de estacionamento. Calmamente, Eve meteu-se numa zona ilegal e fez piscar a luz de serviço.

Ao sair do carro, presenteou um angariador em cima de uma prancha da passadeira com um olhar brando. Esse sorriu descarado, acenou atrevidamente e zarpou em direção aos arredores mais fáceis de circular.

— Esta zona está repleta de angariadores, de traficantes e de prostitutas sem licença — disse Eve em tom de conversa. — É por isso que gosto tanto de vir aqui. — Abriu a porta do *Down and Dirty Club* e entrou de encontro ao ar espesso com odor acre a bebidas baratas e a má comida.

Os quartos privados, alinhados a uma das paredes, encontravam-se abertos, para arejarem do cheiro almiscarado a sexo trivial e bafiento.

Tratava-se de um “dois em um” que se comprazia em ser desagradável, mantendo-se, contudo, no limite das leis de saúde e de decência.

Uma banda holográfica enchia o palco e tocava afincadamente para a indiferença desinteressada dos clientes.

Mavis Freestone encontrava-se nos fundos, numa pequena sala de som, o cabelo uma cascata púrpura, e dois fragmentos de tecido prateado incandescente a envolver-lhe estrategicamente o corpo pequeno e espevitado. A forma como movia a boca e maneava as ancas dava a Eve a certeza de que estaria a ensaiar uma das suas canções mais interessantes.

Aproximou-se do vidro e esperou que os olhos circulantes de Mavis dessem a volta completa e reparassem nela. Os lábios de Mavis, do mesmo tom púrpura ressequido dos cabelos, arredondaram-se num enorme círculo de encanto. Deu uns passos rápidos ritmados e abriu a porta de rompão. Uma explosão ensurdecadora de guitarras a uivarem irrompeu com ela da sala de som.

Mavis atirou-se aos braços de Eve, e, apesar de estar aos gritos, apenas se distinguiu uma ou outra palavra por entre o trovejar da música.

— O quê? — Eve riu-se, fechou a porta de um empurrão, e sacudiu a cabeça para se libertar do eco nos ouvidos. — Santo Deus, Mavis, o que é aquilo?

— O meu número novo. Vai arrasar com toda a gente.

— Parece que sim.

— Estás de volta. — Mavis aplicou-lhe dois beijos repenicados e inevitáveis. — Vamos sentar-nos e beber um copo. Conta-me todos os detalhes. Não deixes nenhum de fora. Ei, Peabody, não estás a morrer de calor dentro dessa farda?

Arrastou Eve para uma mesa peganhenta e premiu na ementa. — O que querem beber? Eu ofereço. O Crack paga-me bastante bem pelos dois espectáculos que dou aqui por semana. Ele vai ficar bastante desolado por não ter estado contigo. Ah, estou tão contente por te ver. Estás linda. Estás com um ar feliz. Ela não está com óptimo aspecto, Peabody? O sexo é assim, como que terapêutico, não é?

Eve riu novamente, ciente de que viera justamente para isto: divertimento sem pensar. — São apenas duas águas com gás, Mavis. Nós estamos em serviço.

— Até parece que alguém daqui ia denunciar-vos. Desabotoa-me um pouco essa farda, Peabody. Já estou com calor só de olhar para ti. Como foi Paris? Como foi na ilha? E no *resort*? Tiveram bom sexo em todo o lado?

— Foi belo, maravilhoso, interessante e, sim, houve muito sexo. Como está o Leonardo?

Os olhos de Mavis tornaram-se sonhadores. Sorriu e seleccionou no quadro da ementa com a unha prateada. — Ele é espectacular. Coabitar é melhor do que eu pensava. Foi ele que desenhou este conjunto para mim.

Eve analisou as faixas prateadas que quase cobriam os seios de Mavis em forma de maçã. — Chamas a isso um conjunto?

— Estou a ensaiar um novo número, sabes? Ah, tenho tanto para te contar. — Apanhou as garrafas de água quando deslizaram pela abertura. — Nem sei por onde começar. Conheci um tipo, um engenheiro de som. Estou a trabalhar com ele. Estamos a gravar um disco, Eve, cinco estrelas. Ele tem a certeza de que consegue lançá-lo. É fantástico, o Jess Barrow. Há uns anos andou a lançar o seu próprio trabalho. Talvez tenham ouvido falar nele.

— Não. — Eve sabia que, para uma mulher que vivera na rua uma grande parte da sua vida, Mavis permanecia espantosamente ingénua em relação a certos assuntos. — Quanto é que lhe pagas?

— Não é nada disso. — Os lábios de Mavis formaram um beicinho amuado. — É claro que tenho de pagar as taxas de gravação. É assim que as coisas funcionam; e se tivermos sucesso, ele fica com sessenta por cento durante os primeiros três anos. Depois disso podemos renegociar.

— Eu ouvi falar nele — comentou Peabody. Desabotoara o botão do colarinho — um tributo que prestava à amizade que sentia por Mavis. — Ele teve algumas músicas de sucesso, há uns anos, e andou ligado a Cassandra. — Respondendo à sobranceira arqueada de Eve, acrescentou: — A cantora, como devem saber.

— A Peabody é uma amante de música? Não pára de me surpreender.

— Gosto de ouvir um bom som — murmurou para dentro da garrafa de água a borbulhar. — Como toda a gente.

— Bem, a ligação com a Cassandra já não existe — disse Mavis com visível alegria. — Ele tem andado à procura de uma nova vocalista. E encontrou-me a mim.

Eve pensou de que mais andaria ele à procura. — O que é que o Leonardo acha disso tudo?

— Ele acha magnífico. Tens de vir ao estúdio, Eve, e apanhar-nos em plena acção. O Jess é um génio certificado.

Era intenção dela apanhá-los em acção. A lista de pessoas de quem gostava era muito pequena. E a Mavis constava nela.

Esperou até estar de volta ao carro com a Peabody, conduzindo em direcção à Central de Polícia. — Peabody, inicie uma busca acerca de Jess Barrow.

Sem se mostrar surpresa, Peabody sacou da sua agenda e introduziu a ordem. — A Mavis não vai gostar nada disto.

— Ela não precisa de saber, pois não?

Eve contornou um flutuador que oferecia fruta gelada num pau, depois lançou-se pela Décima Avenida, onde martelos pneumáticos automatizados rasgavam novamente a estrada. Por cima das suas cabeças, um aeroplano publicitário apregoava um especial cliente no *Bloomingtondale*. Promoção pré-sazonal dos casacos de Inverno, nas secções de homem, senhora e unissexo. Descontos de vinte por cento. Que grande oportunidade.

Viu o homem de gabardina e andar desajeitado dirigir-se a um trio de raparigas e suspirou.

— Merda. Está ali o Clevis.

— O Clevis?

— Esta é a cena dele — disse Eve simplesmente e encostou numa zona para cargas e descargas. — Eu costumava bater esta área quando era polícia fardada. Ele já anda por aqui há anos. Venha daí Peabody, vamos poupar aquelas crianças.

Saiu para o passeio e contornou dois homens que discutiam sobre basebol. Pelo cheiro que emanavam, deduziu que já estivessem nesta que-rela ao calor do Sol há demasiado tempo. Chamou, mas o barulho dos martelos pneumáticos sobrepunha-se à sua voz. Resignada, acelerou o passo e interceptou o Clevis antes que ele alcançasse as raparigas de faces rosadas, que de nada suspeitavam.

— Olá, Clevis.

Olhou para ela pestanejante através das lentes pálidas dos óculos de sol. O cabelo era louro, da cor da areia, e os caracóis emolduravam o rosto

inocente de querubim. Não tinha mais de oitenta anos. — Dallas, ei, Dallas. Há séculos que não a via. — Mostrou os dentes brancos ao mirar Peabody de alto a baixo. — Quem é esta?

— Peabody, este é o Clevis. Clevis, por acaso não ia incomodar aquelas raparigas, pois não?

— Não, chiça, uh-uh. Eu não ia incomodá-las. — Meneou as sobrancelhas. — Apenas ia mostrar-lhes como é que é. Só isso.

— É melhor não fazer nada disso. Devia antes evitar este calor e ir para casa.

— Eu gosto de calor. — Deixou escapar uma breve risada. — Lá vão elas — disse num suspiro, quando o trio de raparigas correu a atravessar a rua, rindo. — Parece que não lhes vou mostrar hoje. Mas mostro a si.

— Não, Clevis. — Eve deixou sair o ar sustido. Ele já abrira a gabardina. Por debaixo estava todo nu, exceptuando uma fita azul-clara, atada festivamente à volta do pénis murcho. — Que bonito, Clevis. Essa cor fica-lhe muito bem. Condiz com a dos seus olhos. — Pousou uma mão amigável no ombro dele. — Vamos dar uma volta, está bem?

— Por mim, tudo bem. Gosta de azul, Peabody?

Peabody acenou a cabeça solenemente, enquanto abria a porta traseira da unidade e o ajudava a entrar. — Azul é a minha cor favorita. — Fechou a porta do veículo e deparou com os olhos risonhos de Eve. — Bem-vinda de volta, Tenente.

— É bom estar de volta, Peabody. Apesar de tudo, é muito bom.

...

Era igualmente bom estar de regresso a casa. Eve atravessou os altos portões em ferro que guardavam o forte altaneiro. Já não a chocava tanto conduzir ao longo do caminho serpenteante, por entre relvados bem cuidados e árvores em flor em direcção à casa elegante em pedra e vidro, onde agora morava.

O contraste entre o seu local de trabalho e a casa que habitava já não lhe parecia tão díspar. Aqui reinava a quietude — o tipo de quietude no meio de uma cidade grande de que apenas os ricos podiam desfrutar. Ela conseguia ouvir o cantar dos pássaros, ver o céu, inalar o aroma doce da relva acabada de cortar. Apenas a alguns minutos de distância, a multidão barulhenta e suada apinhava-se nas ruas de Nova Iorque.

Aqui, supunha, era o santuário. Tanto para o Roarke, como para ela própria.

Duas almas perdidas. Assim lhes chamara ele uma vez. Isto fazia-a pensar se haviam deixado de estar perdidos depois de se terem encontrado um ao outro.

Deixou o carro em frente à entrada, ciente de que o corpo de chapa amolgada e sem estilo ofenderia Sommerset, o mordomo de Roarke de costas direitas e impassíveis. Seria tarefa simples ligar o automático e fazê-lo contornar a casa e deslizar até à abertura reservada na garagem para a sua unidade. Porém, Eve adorava picar Sommerset.

Abriu a porta e deparou-se com o mordomo no meio da grande sala de entrada, a fungar e com um sorriso escarminho nos lábios.

— Tenente, o seu veículo macula a vista desta casa.

— Olhe, trata-se de propriedade camarária. — Baixou-se para agarrar no gato gordo e de olhar estranho que viera cumprimentá-la. — Se não o quer à entrada, tire-o de lá.

Ouviu um riso trinado que atravessou o hall, vindo de cima. Ergueu a sobrancelha. — Temos companhia?

— Na verdade, temos. — Com o seu olhar desaprovador, Sommerset percorreu a blusa e as calças desalinhas, a arma no coldre ainda em volta da sua cintura. — Sugiro que tome um banho e mude de roupa, antes de ir receber as visitas.

— E eu sugiro que se meta na sua vida — disse bem-disposta ao passar por ele.

No salão principal, repleto de tesouros que Roarke colecionara à volta do universo conhecido, estava a dar-se uma festa elegante e íntima. Canapés exuberantes alinhavam-se em bandejas de prata e vinho de um dourado pálido enchia os copos de cristal cintilante. Roarke parecia um anjo negro, vestido de uma forma que ele próprio classificaria como casual. A camisa em seda preta, desabotoada no colarinho, as calças na mesma cor de corte perfeito, cingidas por um cinto que ostentava uma fivela em prata brilhante, tudo lhe ficava maravilhosamente bem e fazia-o parecer o que na realidade era: rico, esplêndido e perigoso.

Apenas um casal havia-se juntado a ele naquela sala espaçosa. O homem era tão pálido, quanto Roarke era escuro. O cabelo longo e dourado caía-lhe sobre os ombros cobertos por um casaco azul impecável. O rosto era liso e belo, exceptuando os lábios ligeiramente finos de mais, o que se tornava quase imperceptível ao observador perante o contraste dos olhos castanhos-escuros.

A mulher era de uma beleza estonteante. As ondas de cabelo de um ruivo profundo, da cor do vinho rico e espesso, fora penteado para o alto, deixando os caracóis tombarem sensualmente sobre a nuca. Os olhos eram verdes e angulosos, como os de um gato, e acima deles delineavam-se sobrancelhas negro-azeviche. A pele era de alabastro cremoso sobre maçãs de rosto salientes e os lábios eram cheios e voluptuosos.

O corpo condizia com o rosto e estava envolvido numa coluna de tecido justo de cor esmeralda, o qual deixava nus os ombros fortes e se arredondava à volta dos seios desconcertantes, abrindo-se em decote até à cintura.

— Roarke. — Soltou novamente aquele riso fluido e deslizou uma mão fina e branca por entre a juba negra dele, roçando-lhe um beijo. — Tenho sentido imensamente a tua falta.

Eve pensou na arma à cintura e em como, utilizando apenas o dispositivo mais fraco, poderia pôr aquela bomba ruiva a dançar descoordenadamente. *Apenas um pensamento passageiro*, controlou-se Eve, e depositou Galahad no chão, antes que o apertasse tanto que lhe quebrassem uma costela por debaixo das várias camadas de gordura.

— Não deve ter sentido tanto assim a falta dele — disse Eve em tom casual ao entrar na sala. O Roarke, raios o partissem, lançou-lhe um olhar acompanhado de um sorriso de orelha a orelha.

*Vamos ter de tratar desse teu ar de convencido, meu amigo*, pensou. *E em breve.*

— Eve, não te ouvimos entrar.

— Obviamente. — Retirou um canapé não identificável da bandeja e enfiou-o na boca.

— Julgo que ainda não conheces os nossos convidados. Reeanna Ott, William Schaffer, esta é a minha esposa Eve Dallas.

— Tem cuidado, Ree, ela está armada. — Com um riso abafado, William avançou alguns passos e estendeu a mão. Movia-se aos ressaltos, como um cavalo esbelto que sai para o pasto. — É um prazer conhecê-la, Eve. Um verdadeiro prazer. A Ree e eu estamos tão desapontados por não termos podido ir ao vosso casamento.

— Devastados. — Reeanna sorriu para Eve, os olhos verdes cintilantes. — O William e eu estávamos desesperados por conhecer cara a cara a mulher que conseguiu deixar o Roarke de joelhos.

— Ele continua de pé. — Eve lançou a Roarke um olhar rápido quando este lhe colocava um copo na mão. — Por ora.

— A Ree e o William estiveram a trabalhar no laboratório de *Taurus Three* em alguns projectos meus. Eles acabaram de voltar ao planeta para passarem um merecido período de relaxamento e recuperação.

— Ah sim? — Como se isso a interessasse minimamente.

— O projecto a bordo tem sido particularmente um prazer — disse William. — Daqui a um, o máximo dois anos, a *Roarke Industries* introduzirá no mercado uma nova tecnologia que vai revolucionar o mundo da diversão e do entretenimento.

— Diversão e entretenimento. — Eve esboçou um sorriso. — Bem, é devastador.

— Na verdade, tem o potencial de vir a ser exactamente isso. — Reeanna deu um pequeno gole no seu vinho enquanto analisava Eve: atraente, irritada, competente. Dura. — Há também a possibilidade de se criarem postos de assistência médica.

— Esse é um dos objectivos de Ree. — William ergueu o copo a brindá-la, olhando-a com um afecto fácil e íntimo. — Ela é a perita médica. Eu sou apenas o homem responsável pelo divertimento.

— Tenho a certeza de que a Eve, após um árduo dia de trabalho, não estará muito interessada em nos ouvir falar dos nossos assuntos profissionais. Cientistas — disse Reeanna com um sorriso apologetico. — Somos todos tão entediantes. Acabaram de regressar de *Olympus*. — Ouviu-se o restolhar de seda quando Reeanna movimentou aquele corpo desconcertante para mudar de posição. — O William e eu fizemos parte da equipa que desenhou os centros de diversão e os postos médicos. Tiveram tempo de os visitar?

— Brevemente. — Estava a ser mal-educada, repreendeu-se Eve. Tera de se acostumar a chegar a casa e encontrar companhia elegante, a ver mulheres deslumbrantes a desfazerem-se pelo marido. — Muito impressionante, mesmo numa fase intermédia da construção. A sala de holograma no hotel principal foi uma ideia sua? — Eve perguntou a William.

— Confesso-me culpado — respondeu com um brilho nos olhos. — Adoro brincar. E a Eve?

— Para ela faz parte do trabalho. Na realidade, houve um incidente durante a nossa estadia lá — interveio Roarke. — Um suicídio. Um dos técnicos de autotrónica. O Mathias?

William contraiu as sobrancelhas. — Mathias... jovem, ruivo, com sardas?

— Sim.

— Meu Deus. — Estremeceu e tomou um gole grande. — Suicídio? Têm a certeza de que não se tratou de um acidente? Pelo que me lembro, era um homem novo, entusiástico e com grandes ideias. Não me parecia alguém que pusesse termo à própria vida.

— Mas foi o que fez — disse Eve brevemente. — Ele enforcou-se.

— Isso é horrível. — Reeanna ficara pálida e sentou-se no braço de um dos sofás. — Eu conhecia-o, William?

— Penso que não. Talvez o tenhas visto num dos clubes, enquanto lá estivemos, mas não me recordo de que fosse uma pessoa muito sociável.

— De qualquer forma, tenho muita pena — disse Reeanna. — E deve ter sido horrível para vós terem de lidar com uma situação dessas justamente na vossa lua-de-mel. Não vamos insistir mais no assunto. — Galahad deu um salto para cima do sofá e colocou a cabeça debaixo da mão elegante de

Reeanna. — Gostava muito mais de vos ouvir falar do vosso casamento, no qual não pude estar presente.

— Fiquem para jantar. — Roarke apertou apologeticamente o braço de Eve. — Vamos contar-vos tudo, até vos aborrecer.

— Infelizmente não podemos. — William fez no ombro de Reeanna a mesma carícia que ela fazia na cabeça do gato. — Estão à nossa espera no teatro. Já estamos atrasados.

— Tens razão, como sempre. — Reeanna ergueu-se visivelmente pensativa. — Espero que nos dêem carta branca para voltarmos a visitar-vos. Estaremos no planeta mais um ou dois meses, e eu adorava ter a oportunidade de a conhecer melhor, Eve. Roarke e eu já nos conhecemos... há muito tempo.

— Serão sempre bem-vindos. E vejo-vos a ambos no escritório amanhã, para obter um relatório completo.

— De manhã bem cedo. — Reeanna pousou o copo. — Talvez em breve possamos almoçar juntas, Eve. Só nós, as mulheres. — Piscou os olhos com um humor tão fácil que fez Eve sentir-se uma tonta. — Poderemos comparar os nossos apontamentos sobre o Roarke.

O convite era demasiadamente simpático para rejeitar. Eve deu por si a sorrir. — Penso que seria interessante. — Acompanhou-os à porta com Roarke e acenou-lhes adeus. — Quantos apontamentos, exactamente — disse, ao voltarem a entrar na sala — haveria a comparar?

— Aconteceu tudo há muito tempo. — Agarrou-a pela cintura para lhe dar o beijo de boas-vindas adiado. — Há anos. Há uma eternidade.

— Ela deve ter comprado aquele corpo.

— Se assim fez, devo dizer que foi um óptimo investimento.

Eve ergueu o queixo e olhou-o zangada. — Existe alguma mulher bela que não tenhas levado para a cama?

Roarke endireitou a cabeça provocante, estreitou os olhos como a considerar. — Não. — Riu-se, quando ela se balanceou ameaçadora na sua direcção. — Se estivesses mesmo zangada, já me tinhas batido. — Depois soltou um gemido, quando o punho dela se lhe enterrou no ventre. Esfregou a zona, aliviado por ela ter retirado o braço. — Devia ter desistido, enquanto ainda estava a ganhar.

— Que isto te sirva de lição, seu pinga-amor. — Mas já Eve permitia que ele a erguesse sobre os ombros.

— Tens fome? — Ele perguntou-lhe.

— Estou faminta.

— Também eu. — Começou a subir as escadas. — Vamos comer na cama.

**E**ve acordou com o gato estendido sobre o peito e com a teleligação ao lado da cama a tocar. Amanhecia, e a luz que atravessava a janela que dava para o céu era ténue e cinzenta, anunciando uma tempestade matinal. Com os olhos ainda meio fechados, Eve estendeu o braço para atender.

— Bloquear vídeo — ordenou, tentando afastar o sono da voz. — Dallas.

— Despacho, Dallas, Tenente Eve. Morte suspeita na Avenida Madison número cinco zero zero dois, Unidade Trinta e Oito zero zero. Ver residência Foxx, Arthur. Código quatro.

— Despacho recebido. Contactar Peabody, Agente Delia, para assistência. Autorização dada por mim.

— Confirmado. Terminada a transmissão.

— Código quatro? — Roarke mudara o gato de posição e sentara-se na cama. Acariciava preguiçosamente o Galahad, colocando-o em êxtase felino.

— Significa que ainda me resta tempo para um duche e um café. — Eve não vislumbrou um roupão por perto, pelo que se dirigiu nua para a casa de banho. — Está um polícia no local do crime — disse alto. Entrou na unidade de duche, esfregando os olhos ainda arenosos. — Força máxima, todos os jactos, a cento e dois graus.

— Vais cozer aí dentro.

— Eu gosto. — Deu um enorme suspiro de prazer, quando os jactos pulsantes de água quente a atingiram de todos os lados. Premindo um bloco em vidro, encheu a palma da mão com sabonete líquido verde-escuro. Quando saiu do duche, já estava completamente acordada.

Ergueu a sobrancelha quando deparou com Roarke à porta com uma chávena de café na mão. — É para mim?

— Está incluído no serviço.

— Obrigada. — Levou a chávena para dentro do tubo de secagem, sorvendo pequenos goles e a sentir o ar quente a rodopiar em seu redor. — Estavas a observar-me, enquanto tomava duche?

— Gosto de te observar. Há qualquer coisa nas mulheres altas e esguias, quando estão nuas e molhadas. — Entrou, por sua vez, no duche e ordenou sessenta e oito graus.

Eve estremeceu. Não conseguia entender porque é que um homem com todos os luxos do mundo a seus pés optaria por tomar duche de água fria. Abriu o tubo de secagem e passou os dedos pelo cabelo de corte simples, sem nenhum estilo particular. Pôs um pouco do creme facial que Mavis teimava em impingir-lhe e escovou os dentes.

— Tu não tens de te levantar por minha causa.

— Já estou de pé — disse Roarke com simplicidade e preferiu enxugar-se a uma toalha aquecida a usar o tubo de secagem. — Tens tempo para o pequeno-almoço?

Eve observava o reflexo dele no espelho: cabelo cintilante, pele reluzente. — Eu como qualquer coisa mais tarde.

Roarke apertou a toalha à volta da cintura, afastou a juba de cabelo para trás e ergueu a cabeça em pose provocadora. — Sim?

— Parece que eu também gosto de te observar — murmurou entre dentes e entrou no quarto para se vestir para a morte.

Não havia muito trânsito nas ruas. Os *airbus* passavam com estrondo acima da cabeça e através da chuva crepitante, transportando os trabalhadores do turno da noite de volta para as suas casas e arrastando os do turno do dia para os seus postos de trabalho. Os cartazes publicitários permaneciam em silêncio e os flutuadores ubíquos que ofereciam grelhados e outras comidas já se preparavam para o dia. O fumo saía em vagas dos respiradouros nas ruas e passeios, vindo do mundo subterrâneo do transporte e do comércio de retalho. O ar era vaporoso.

Eve conseguiu atravessar a cidade em bom tempo.

A zona de Madison onde um cadáver a aguardava era polvilhada de boutiques exclusivas e de edifícios modernos em forma de lanças prateadas, concebidos para alojarem aqueles que podiam dar-se ao luxo de fazer compras ali. Os passeios eram ladeados e cobertos por estruturas em vidro para protegerem a clientela dos elementos naturais e para afastarem o barulho que começaria a rebentar dali a uma ou duas horas.

Eve passou por um táxi que transportava um único passageiro. A loura elegante vestia um casaco que ofuscava de tanto brilho, um arco-íris de cores cintilantes na luz sombria. *Deve ser companhia certificada*, pensou Eve, *a caminho de casa após um programa nocturno completo*. Os ricos podiam comprar sexo de luxo juntamente com as suas roupas de design.

Meteu-se por uma garagem subterrânea no local do crime e ergueu o distintivo ao passar pelo posto de segurança. Foi feita a verificação dela e da insígnia, a luz piscou de vermelho para verde e indicou o número do lugar vago que lhe fora atribuído.

Como não podia deixar de ser, o lugar encontrava-se no extremo oposto da garagem, longe do elevador. *Aos polícias*, pensou com resignação ao fazer o percurso a pé, *nunca é dado espaço óptimo*.

Eve pronunciou o número da unidade para dentro do intercomunicador e foi içada.

Houve um tempo, não muito atrás, em que teria ficado impressionada com a sala de entrada sumptuosa do trigésimo oitavo andar, com piscinas em hibisco escarlate e estatuário em bronze. Mas isso fora antes de entrar no mundo de Roarke. Observou mais de perto as pequenas fontes de água a correr que flanqueavam a entrada e concluiu que era muito provável que o edifício pertencesse ao marido.

Viu uma polícia fardada que guardava a porta para o 3800 e mostrou o distintivo.

— Tenente. — A polícia mudou subtilmente para uma atitude mais atenta, endireitando as costas e encolhendo o estômago. — O meu colega está lá dentro com o companheiro do falecido. O Sr. Foxx, ao descobrir o corpo do parceiro, chamou uma ambulância. Em seguimento disso, também demos resposta, como é procedimento normal. A ambulância encontra-se à espera, até a Tenente liberar o local do crime.

— O local está protegido?

— Agora está. — Lançou um olhar em direcção à porta. — Não conseguimos extrair muita informação do Sr. Foxx, Tenente. Ele está um pouco histerico. Não faço ideia no que possa ter mexido — além do corpo.

— Ele alterou a posição do corpo?

— Não, Tenente. Quer dizer, continua dentro da banheira, mas ele intentou, hã, reanimar o falecido. Tinha de estar em grande estado de choque, para tentar algo assim. Há sangue suficiente para se nadar nele. Pulsos cortados — explicou. — A partir de uma confirmação visual, ele estaria morto há pelo menos uma hora, quando o companheiro deu com o corpo.

Eve segurou com mais força no seu kit de terreno. — Já notificaram a EM?

— Já vêm a caminho, Tenente.

— Muito bem. Deixe entrar a Agente Peabody, quando ela chegar, e permaneça em frente à porta. Abra-a — deu a ordem e esperou que a polícia passasse a chave-mestra na ranhura. A porta abriu, deslizando para dentro da parede. Imediatamente, Eve ouviu os soluços fundos e arrastados de um terrível sofrimento.

— Tem estado assim desde que chegámos — informou a polícia. — Espero que consiga tranquilizá-lo rapidamente.

Sem dizer nada, Eve entrou, deixando que a porta deslizesse novamente e se trancasse atrás de si. A passagem do hall era elaborada em már-

more preto e branco. As colunas em espiral estavam adornadas com uma espécie de videira em flor e no tecto suspendia-se um candeeiro em vidro preto com cinco fileiras ornamentadas em forma de gotas. Atravessando o pórtico, havia uma área de estar que seguia a mesma temática: sofás pretos em pele, chão branco, mesas em ébano, candeeiros brancos. Os cortinados às riscas pretas e brancas encontravam-se fechados, porém havia luzes que pareciam chover do tecto, projectadas para o alto a partir do chão.

O ecrã de entretenimento estava desligado, mas não havia sido reconduzido para o recesso. Escadas brancas luminosas subiam, oblíquas, até a um segundo andar, anelado por balaústres em estilo *atrium*. Fetos de um verde luxuriante estavam suspensos do tecto alto em vasos de esmalte.

Podia até haver muito dinheiro, reflectiu, mas a morte não tinha qualquer respeito por isso. Pertencia a um clube sem sistema de classes.

Ecoaram sons de queixume que a atraíram para junto de um pequeno gabinete com livros antigos, muito acolhedor, com cadeirões fundos da cor de um bom vinho de Borgonha.

Afundado num desses cadeirões encontrava-se um homem. O rosto bonito era de um dourado pálido e estava devastado pelas lágrimas. Também o cabelo era dourado, tinha o brilho de uma moeda acabada de cunhar, e desalinhava-se em tufos de madeixas pela acção nervosa das suas mãos. Ele envergava um roupão em seda branca, polvilhado e manchado de sangue. Estava descalço e tinha as mãos cravejadas de anéis que cintilavam conforme os dedos lhe tremiam. O tornozelo esquerdo exibia a tatuagem de um cisne negro.

O polícia que se sentara ao lado do homem estava com um ar miserável, olhou para Eve e preparava-se para lhe falar.

Eve abanou a cabeça rapidamente, mantendo o distintivo à vista. Fez um sinal em direcção ao tecto e endireitou a cabeça em sinal de interrogação.

Ele anuiu, levantou o polegar, depois abanou a cabeça.

Eve esgueirou-se para fora do gabinete. Ela queria ver o corpo, verificar o local do crime antes de lidar com a testemunha.

Havia muitas divisões fechadas no segundo andar. Contudo, foi fácil encontrar o sítio certo. Ela simplesmente seguiu o rasto de sangue. Entrou num quarto de dormir. Aqui o esquema eram os tons verdes e azuis suaves, que davam a sensação de se estar a flutuar debaixo de água. A cama era oblonga, coberta por lençóis em seda azul e um amontoado de almofadas.

Também havia estatuário, aqui da variedade do clássico nu. As gavetas eram embutidas nas paredes, conferindo à divisão um aspecto imaculado e — para Eve — desabitado. O tapete azul-marinho era suave como uma nuvem e tinha manchas de sangue.

Eve seguiu o rasto até à casa de banho principal. A morte não a chocava, mas deixava-a consternada, e ela sabia que ficaria sempre assim perante o desperdício de vida, a violência e a crueldade. No entanto, convivera demasiado tempo com ela para se sentir chocada, mesmo com o que acabava de presenciar.

O sangue havia esguichado, fluído, corrido em torrentes sobre azulejos em tons de marfim e verde-mar. Caíra em cascatas sobre vidro e inundara o chão espelhado, a partir da ferida aberta no pulso da mão molemente pendurada sobre o rebordo de uma enorme banheira transparente.

A água dentro era de um rosa-escuro, sujo, e o odor metálico do sangue impregnava o ar. Uma música tocava, algum instrumento de cordas — talvez uma harpa. Umhas velas grossas e brancas haviam sido acesas e continuavam a arder em ambas as extremidades da longa banheira oval.

O corpo deitado naquela água de um rosa sombrio tinha a cabeça repousada numa almofada de banho de pontas douradas, o olhar morto estava levantado e fixava as folhas sedosas de uma trepadeira dependurada do tecto espelhado. Ele sorria, como se tivesse estado extremamente divertido a ver-se morrer.

Tudo isto não a chocava, mas Eve suspirou ao cobrir as mãos e os pés com plástico aderente transparente; ligou o gravador e levou o seu kit para dentro, para se debruçar sobre o corpo.

Eve havia-o reconhecido. Nu, já quase sem sangue, a sorrir para o alto, de encontro ao seu próprio reflexo no tecto estava o advogado de renome S. T. Fitzhugh.

— O Salvatori vai ficar muito desapontado consigo, Sr. Advogado — murmurou e deu início ao seu trabalho.

Quando a Agente Peabody apareceu à porta da casa de banho, já Eve havia retirado uma amostra da água sangrenta da banheira, feito a verificação inicial para elaborar uma estimativa da altura da ocorrência da morte, coberto e selado as mãos do falecido com sacos de plástico protectores e gravado o local do crime. Peabody vinha quase sem fôlego.

— As minhas desculpas, Tenente. Tive alguns problemas em chegar à alta da cidade.

— Tudo bem. — Passou a Peabody a pequena faca de punho em marfim que tinha colocado num saco de segurança. — Parece que o fez com isto. Julgo tratar-se de uma peça de antiquário. Um item de coleccionador. Vamos mandar analisá-la quanto a impressões digitais.

Peabody guardou a faca dentro do seu kit, depois estreitou os olhos. — Tenente, este não é...

— Sim, é o Fitzhugh.

— Porque havia ele de se matar?

— Ainda não determinámos que assim o fez. Nunca faça suposições, Agente — disse brandamente. — É a regra número um. Mande chamar a equipa de limpeza, Peabody, e vamos selar e etiquetar o local do crime. Já podemos liberar o corpo para a EM. Por ora, não há mais nada a fazer. — Eve recuou, as mãos seladas cobertas de sangue. — Quero que faça um interrogatório preliminar aos dois polícias fardados que responderam à chamada. Enquanto isso, eu vou falar com o Sr. Foxx.

Eve tornou a olhar para o cadáver e abanou a cabeça. — Era exactamente assim que ele sorria manhoso para uma pessoa em tribunal, quando julgava que lhe tinha dado a volta. Filho da mãe. — Continuava a analisar o cadáver, retirou o líquido de limpeza do seu kit para remover algum sangue e selou o tecido húmido dentro de mais um invólucro de plástico. — Diga à EM que quero um relatório toxicológico o mais rapidamente possível.

Deixou Peabody no local e seguiu o rasto de sangue de volta para o primeiro andar.

Foxx respirava com dificuldade, lamuriava-se entre fortes soluços. O polícia pareceu ridiculamente aliviado com a reaparição de Eve. — Espere pelo EM e pela minha assistente lá fora, Sr. Agente. Faça o seu relatório à Agente Peabody. Eu agora vou falar com o Sr. Foxx.

— Sim, Tenente. — Com um encanto mal disfarçado, fugiu do gabinete.

— Sr. Foxx, eu sou a Tenente Dallas. Lamento muito a sua perda. — Eve localizou o botão que afastava os cortinados e premiu-o, deixando entrar uma luz aguada. — É preciso que fale comigo. É necessário que me diga o que é que aconteceu aqui.

— Ele está morto. — A voz de Foxx era ligeiramente musical, acentuada. Encantadora. — O Fitz está morto. Eu não sei como isso pôde acontecer. Não sei como vou continuar a viver.

*Toda a gente continua a sua vida*, pensou Eve. *Não há muitas outras opções*. Sentou-se e colocou o gravador em cima da mesa, bem à vista. — Sr. Foxx, era preferível para ambos que falasse comigo agora. Vou relembrar-lhe os seus direitos, é o procedimento normal.

Recitou-lhe a *Miranda*, edição revista. Os soluços foram diminuindo, ele levantou a cabeça e fixou os olhos dourados nela, inchados e vermelhos.

— Pensa que fui eu que o matei? Julga que eu poderia magoá-lo.

— Sr. Foxx...

— Eu amava-o. Estávamos juntos há doze anos. Ele era a minha vida.

*Continua a ter a sua vida*, pensou Eve. *Só que ainda não o sabe*. — Assim sendo, vai com certeza querer ajudar-me a fazer o meu trabalho. Conte-me o que aconteceu.

— Ele — ele sentia dificuldade em adormecer e não gostava de tomar tranquilizantes. Normalmente lia, ouvia música, passava uma hora na Re-

alidade Virtual ou a jogar um dos seus jogos, tudo para relaxar. O caso em que estava a trabalhar preocupava-o muito.

— O caso Salvatori.

— Sim, creio que sim. — Foxx tentava limpar os olhos, passando-lhes com uma manga húmida e ensanguentada. — Ele nunca falava profundamente sobre os seus casos. Há a questão da quebra de sigilo, uma vez que não sou advogado. Sou nutricionista. Foi assim que nos conhecemos. Fitz veio ter comigo há doze anos, porque queria que o ajudasse na sua dieta. Tornámo-nos amigos, depois amantes, mais tarde simplesmente nós.

Ela iria precisar de saber tudo isso, mas, por enquanto, queria conhecer os eventos que culminaram naquele último banho fatal.

— Disse-me que ele estava a ter dificuldade em dormir — interveio.

— Sim, era muitas vezes assolado pela insónia. Dava tanto de si aos seus clientes, que eles ocupavam-lhe a mente a cada instante. Já estava acostumado a ele levantar-se no meio da noite e ir para um outro quarto, para programar um jogo ou passar pelas brasas em frente ao ecrã de visionamento. Por vezes tomava um banho quente. — O rosto devastado de Foxx empalideceu ainda mais. — Meu Deus.

As lágrimas começavam a cair, quentes, pelas faces. Eve olhou rapidamente em redor e deparou com um pequeno dróide de servir num dos cantos da divisão. — Traga um copo de água ao Sr. Foxx — ordenou, e o serviçal precipitou-se, solícito em obedecer.

— Foi isso que sucedeu? — Eve continuou. — Ele levantou-se a meio da noite?

— Nem sequer me consigo lembrar. — Foxx ergueu as mãos e deixou-as cair, novamente. — Eu durmo como uma pedra, nunca tenho insónias. Ontem fomos para a cama um pouco antes da meia-noite, vimos as notícias e tomámos um *brandy*. Hoje acordei cedo, como de costume.

— Que horas eram?

— Talvez cinco, cinco e um quarto. Ambos gostamos de começar o dia bem cedo e tenho por hábito programar pessoalmente a refeição matinal. Vi que o Fitz não se encontrava na cama e assumi que tivesse passado por outra noite difícil, que o encontraria no andar de baixo ou num dos quartos vagos. Fui para a casa de banho e foi então que o vi. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, o Fitz. Todo aquele sangue. Era como um pesadelo.

Levou a mão à boca, os dedos repletos de anéis cintilantes e de tremuras. — Corri para junto dele, pressionei-lhe o peito, tentei reanimá-lo. Julgo que endoideci por uns instantes. Estava morto. Podia ver-se que estava morto. Contudo, tentei puxá-lo para fora da água, mas ele é um homem grande e eu tremia. Sentia náuseas. — Deixou cair a mão da boca para a zona do estômago, premindo-o. — Chamei uma ambulância.

Iria perdê-lo se não conseguisse controlá-lo. Tranquilizá-lo não era opção, até que lhe tivesse arrancado os factos. — Eu sei que isto é difícil para si, Sr. Foxx. Lamento termos de fazer isto agora, mas é melhor assim, acredite.

— Eu estou bem. — Estendeu a mão para o copo de água em cima do pequeno dróide. — Quero terminar isto agora.

— Pode dizer-me qual era o estado de espírito dele ontem à noite? Disse-me que estava preocupado com um caso.

— Sim, estava preocupado, mas não deprimido. Havia um polícia que ele não conseguira abalar em tribunal, e isso irritava-o. — Tomou um gole da água, depois outro.

Eve achou por bem não mencionar que era ela a polícia que tanto o irritara.

— E havia outros casos pendentes, para os quais andava a elaborar a defesa. Como vê, a sua mente estava frequentemente ocupada de mais para dormir.

— Ele recebeu ou fez algum telefonema?

— Com certeza, as duas coisas. Trazia muitas vezes trabalho para casa. A noite passada ele esteve algumas horas no escritório, no andar de cima. Chegou a casa por volta das cinco e meia e trabalhou até perto das oito horas. Depois jantámos.

— Ele mencionou algo que estivesse a perturbá-lo, além do caso Salvatori?

— O peso dele. — Foxx sorriu levemente. — Fitz detestava engordar meio quilo que fosse. Falámos sobre a possibilidade de ele aumentar o programa de exercícios físicos, talvez trabalhar melhor o corpo, quando tivesse tempo. Estivemos a ver uma comédia no ecrã da sala, depois fomos para a cama, tal como lhe contei.

— Tiveram alguma discussão?

— Discussão?

— Apresenta contusões no braço, Sr. Foxx. Lutou com o Sr. Fitzhugh ontem à noite?

— Não. — Empalideceu ainda mais, e os olhos brilhantes ameaçavam renovada crise de choro. — Nós nunca discutíamos fisicamente. É claro que tínhamos as nossas querelas esporádicas, como toda a gente. Suponho — suponho que estas contusões venham da banheira, quando tentava — quando tentava...

— O Sr. Fitzhugh mantinha relações com alguém, além de si?

Os olhos inchados adquiriram uma expressão fria. — Se pretende saber se ele tinha outros amantes, não, não tinha. Nós éramos muito devotados um ao outro.

— A quem pertence esta unidade?

O rosto de Foxx tornou-se rígido, a voz fria. — Foi colocada em nome dos dois há dez anos. Pertencia ao Fitz.

*E agora pertence-lhe a si*, pensou Eve. — Presumo que o Sr. Fitzhugh era um homem rico. Sabe quem é o herdeiro?

— Exceptuando algumas doações à caridade, sou eu quem herda tudo. Pensa que seria capaz de o matar por dinheiro? — O tom de voz expressava repulsa, e não horror. — Que direito tem de vir à minha casa a uma hora destas e fazer-me perguntas tão horríveis?

— Eu preciso de saber as respostas, Sr. Foxx. Se não lhe colocar estas questões aqui, terei de o fazer na esquadra. Creio que desta forma é mais confortável para si. O Sr. Fitzhugh colecionava facas?

— Não. — Foxx pestanejou, depois ficou lívido. — Eu é que coleciono. Tenho uma colecção de armas brancas antigas. Registadas — acrescentou rapidamente. — Estão devidamente registadas.

— Na sua colecção, tem uma faca com punho em marfim, lâmina direita, com um comprimento de cerca de seis polegadas?

— Sim. É do século dezanove, da Inglaterra. — A respiração tornou-se entrecortada. — Foi isso que usou? Ele usou uma das minhas facas para...? Não reparei nela. Apenas vi o corpo. Ele utilizou uma das minhas facas?

— Retirei uma faca como elemento de prova, Sr. Foxx. Vamos executar os testes necessários. Mais tarde entrego-lhe o respectivo recibo.

— Eu não quero. Não quero ver a faca. — Enterrou a cabeça nas mãos. — O Fitz. Como pôde usar uma das minhas facas?

Voltou a chorar. Eve ouviu barulho e vozes abafadas vindos do outro quarto e soube que a equipa de limpeza havia chegado ao local. — Sr. Foxx. — Levantou-se. — Um dos agentes virá trazer-lhe alguma roupa. Vou ter de lhe pedir que fique aqui por mais algum tempo. Há alguém que eu possa chamar para lhe fazer companhia?

— Não. Ninguém. Nada.

...

— Não estou a gostar nada disto, Peabody — murmurou Eve entre dentes quando desciam para o estacionamento. — Fitzhugh levanta-se a meio de uma noite como qualquer outra, pega numa faca antiga, enfia-se num banho de água quente. Acende as velas, põe música ambiente, depois corta os pulsos. Sem nenhuma razão em particular. Estamos perante um homem no auge da sua carreira, com montes de dinheiro, uma casa de luxo, clientes a fazerem fila à porta, e ele simplesmente decide “que se lixe, vou mas é morrer”?

— Eu não entendo o suicídio. Penso que a minha personalidade não se encaixa nos grandes altos e baixos da vida.

Eve compreendia-o. O suicídio passara-lhe pela cabeça durante a sua vida restringida em lares públicos — e antes disso, no tempo assombroso antes disso, em que a morte lhe parecera a libertação do inferno.

Por isso não conseguia entender o que Fitzhugh fizera a si próprio.

— Não há aqui qualquer motivação, pelo menos nenhuma que seja evidente. Mas nós temos um amante que colecionava facas, que estava coberto de sangue e que vai herdar uma fortuna avultada.

— Pensa que talvez o Foxx o tenha matado? — Peabody matutava no assunto, quando chegaram ao piso da garagem. — O Fitzhugh tem quase o dobro do tamanho. Com certeza que teria oferecido resistência, e não encontrámos quaisquer sinais de luta.

— Sinais podem ser apagados — murmurou Eve. — Foxx apresentava contusões. E, se o Fitzhugh estivesse sob o efeito de drogas ou sob a influência de químicos, não teria muita força para se insurgir e oferecer luta. Veremos melhor com o relatório toxicológico.

— Porque é que insiste em que tenha sido um homicídio?

— Não é isso. Eu apenas quero que as coisas façam sentido, e este auto-extermínio não tem lógica nenhuma. Pode até ser que Fitzhugh não conseguisse dormir, talvez se tenha mesmo levantado. Alguém esteve na sala de relaxamento. Ou assim se quis que parecesse.

— Nunca vi nada assim — reflectiu Peabody, lembrando-se do que vira. — Todos aqueles brinquedos num mesmo sitio. O grande cadeirão com inúmeros botões de controlo, o ecrã de parede, o autobar, a estação de realidade virtual, o tubo de humores. Já alguma vez utilizou um tubo de humores, Tenente?

— O Roarke tem um. Mas, eu não gosto. Prefiro que os meus humores venham e partam naturalmente, do que programá-los. — Eve reparou na figura sentada na capota do seu carro e acrescentou sibilante: — Como agora, por exemplo. Consigo sentir a alteração de humor a operar em mim. Acho que estou a ficar com os cabelos em pé de irritação.

— Bem, Dallas e Peabody, novamente juntas. — Nadine Furst, repórter do ar de topo para o *Channel 75*, deslizou graciosamente do carro para o chão. — Como foi a lua-de-mel?

— Privada — respondeu Eve bruscamente.

— Olhe, eu pensava que éramos amigas. — Nadine piscou o olho a Peabody.

— Não perdeu tempo em pôr a nossa última pequena conversa no ar, amiga.

— Dallas. — Nadine abriu as mãos bonitas. — Prende um assassino e conclui um caso muito mediático e intenso durante a sua própria festa de despedida de solteira, para a qual eu fora convidada: isto é notícia. O público não só tem o direito de saber, como papa tudo. As audiências dispararam. E agora, ainda mal regressou e já está novamente no meio de algo em grande. O que é que aconteceu com o Fitzhugh?

— O homem está morto. E eu tenho de trabalhar, Nadine.

— Vá lá. — Nadine dava pequenos puxões na manga de Eve. — Depois de tudo o que passámos juntas? Levante só um pouco do véu para mim.

— É melhor os clientes de Fitzhugh comecem a procurar outro advogado. É tudo o que tenho para lhe dizer.

— Vá lá. Foi acidente, homicídio, o que é que aconteceu?

— Ainda estamos a investigar — disse Eve sem rodeios enquanto destrancava a porta do carro com o respectivo código.

— Peabody. — Mas Peabody apenas lhe ofereceu um sorriso grande e um encolher de ombros. — Sabe, Dallas, é do conhecimento geral que não se dava muito bem com o nosso querido falecido. A ferroada maior foi ele ontem tê-la classificado como uma polícia violenta que utiliza o distintivo como uma arma.

— É pena que ele já não possa servir a si e aos seus colegas citações tão sonantes.

Quando Eve bateu com a porta do carro, Nadine pendurou-se na janela, pedinchando. — Então diga-me a Eve algo de sonante.

— S. T. Fitzhugh está morto. A polícia está a investigar. Saia daí. — Eve pôs o carro a trabalhar e disparou para fora da abertura de estacionamento. Nadine teve de recuar para salvar os dedos dos pés. Ao reparar no riso abafado de Peabody, Eve presenteou-a com um olhar severo. — Onde é que está a graça?

— Eu gosto dela. — Peabody não resistiu em olhar para trás e viu que Nadine estava com um sorriso de orelha a orelha. — E a Tenente também.

Eve riu contrariada. — Gostos não se discutem — acabou por dizer e saiu da garagem para a manhã chuvosa.

...

Tudo corra na perfeição. Absolutamente na perfeição. Era um sentimento excitante e poderoso, saber que tinha tudo sob controlo. Os relatórios vindos de várias agências noticiosas estavam todos devidamente arquivados e feito o *log*. Assuntos destes requeriam uma organização extrema e eram adicionados à pilha de discos de dados, pequena mas satisfatória.

Tinha sido tão divertido, e era essa a surpresa. Não fora, certamente, o divertimento a primeira motivação para esta escolha. Contudo, constituía um delicioso efeito colateral.

Quem seria o próximo a sucumbir?

Com um clique rápido, o rosto de Eve surgiu no monitor e todos os dados pertinentes apareceram numa coluna ao lado da imagem. Uma mulher fascinante. De local de nascimento e pais desconhecidos. Uma criança abusada, descoberta num beco de Dallas, em Texas, onde se havia escondido, o corpo maltratado, a mente em branco. Uma mulher que não conseguia lembrar-se dos primeiros anos da sua própria infância. Os anos que formaram a alma. Anos em que tinha sido espancada e violada e atormentada.

Que influência tem uma vida destas sobre a mente? Sobre o coração? Sobre a pessoa?

Fez da rapariga uma assistente social e de Eve Dallas uma mulher que se tornou numa polícia. Uma polícia com a reputação de ir a fundo, e que tinha alcançado alguma notoriedade no Inverno passado, durante a investigação de um caso sensível e particularmente feio.

Foi nessa altura que ela conheceu o Roarke.

O computador emitiu uns zumbidos e logo fez surgir o rosto de Roarke no monitor. Que par tão intrigante. O historial dele não era mais aprazível do que o de Eve. Mas ele havia escolhido o outro lado da justiça, pelo menos inicialmente, para deixar a sua marca. E para enriquecer.

Agora formavam um casal, um casal que poderia ser destruído num estalar de dedos.

Mas não para já. Não por algum tempo.

Afinal, o jogo ainda agora começara.

— Eu simplesmente não acredito — murmurou Eve para consigo, — ao abrir os dados sobre Fitzhugh. Estudou o rosto vigoroso e atraente, quando este surgiu no monitor, e abanou a cabeça. — Eu simplesmente não acredito — repetiu.

Deu uma vista de olhos na data e local de nascimento e verificou que ele nascera em Filadélfia na última década do século anterior. Tinha sido casado com uma tal de Milicent Barrows, de 2033 a 2036. Era divorciado. Não tinha filhos.

Mudara-se para Nova Iorque no mesmo ano do divórcio, abrira o seu escritório de advocacia em direito criminal e, tanto quanto era possível verificar-se, nunca olhou para trás.

— Rendimento anual — solicitou.

*Sujeito Fitzhugh, rendimento anual respeitante ao ano passado. Dois milhões e setecentos dólares americanos.*

— Sanguessuga — murmurou. — Computador, quero listagem e detalhes de qualquer prisão.

*A procurar. Não há qualquer registo policial.*

— Muito bem. Portanto, tem o cadastro limpo. Então, vamos tentar outra coisa. Quero a listagem de processos civis contra o sujeito.

Aqui já teve mais sorte. Conseguiu uma pequena lista de nomes e ordenou uma cópia em disco. Pediu igualmente uma listagem dos processos que Fitzhugh havia perdido nos últimos dez anos, reparou nos nomes que reapareciam e suspirou. Era a litigação típica dos tempos que corriam: se o advogado não te conseguiu ilibar, processa o advogado. O que, por sua vez, deitava por terra a sua esperançosa teoria de chantagem.

— Muito bem, talvez não esteja a olhar para o caso da forma certa. Novo sujeito, Foxx, Arthur, residente em cinco zero zero dois, Avenida Madison, Nova Iorque.

*A procurar.*

O computador pareceu encravar e emitiu uns ruídos estranhos, o que levou Eve a dar uma palmada na unidade para o reorientar, praguejando contra os cortes no orçamento.

A imagem de Foxx apareceu no monitor, a piscar um pouco, até Eve dar outra pancada no computador. Era mais atraente, reparou, quando sorria. Tinha menos quinze anos do que Fitzhugh, nascera em Washington Oriental, era filho de dois militares de carreira. Vivera em vários pontos do globo até se estabelecer em Nova Iorque em 2042, juntando-se à organização *Nutrition for Life* como consultor.

O seu rendimento anual chegava aos seis dígitos. Não havia registos de casamento, mas uma licença de partilha de vida entre o mesmo sexo com Fitzhugh.

— Quero a listagem e os detalhes de qualquer prisão.

A máquina resmungou, como se estivesse cansada de responder a tantas questões, mas, por fim, a lista saiu. Uma conduta desordeira, duas agressões, um distúrbio.

— Bem, agora estamos a chegar a algum lado. Ambos os sujeitos. Quero listagem e detalhes de qualquer consulta psiquiátrica.

Não havia nada sobre o Fitzhugh, mas acertara novamente em cheio em relação a Foxx. Com um ronco de satisfação ordenou uma cópia em disco, depois levantou a cabeça quando Peabody entrou.

— Resultados forenses? Ou da toxicologia?

— Ainda nada dos forenses, mas temos as análises toxicológicas. — Peabody entregou a Eve um disco. — Baixo nível de álcool no sangue, identificado como *brandy* parisiense de 2045. Nem por sombras o suficiente para o debilitar. Não há vestígios de outras drogas.

— Merda. — Tinha estado esperançosa. — Talvez eu tenha encontrado algo aqui. O nosso amigo Foxx passou muito tempo da sua infância no sofá do terapeuta psicológico. Esteve internado, por vontade própria, no *Delroy Institute* durante um mês, há apenas dois anos. E já esteve preso. Durante pouco tempo, mas esteve preso. Cumpriu noventa dias por agressão. E teve de usar uma pulseira electrónica durante seis meses. O nosso rapaz tem algumas tendências violentas.

Peabody franziu as sobrancelhas, ao verificar os dados. — Família militar. Ainda tendem a ser resistentes à homossexualidade. Aposto que o levaram ao psiquiatra na tentativa de lhe virarem a cabeça e de o tornarem heterossexual.

— Pode ser. Mas ele tem um historial de problemas de saúde mental e tem registos criminais no cadastro. Veremos o que os polícias descobriam durante as entrevistas de porta em porta no edifício onde vivia o Fitzhugh. E vamos também à firma dele falar com os associados.

— A Tenente não acredita que tenha sido suicídio.

— Eu conhecia-o. Ele era arrogante, pomposo, convencido, cheio de si.  
— Eve abanou a cabeça. — Os homens vaidosos e arrogantes não optam por serem encontrados nus numa banheira, a nadarem no seu próprio sangue.

...

— Ele era um homem brilhante. — Leanore Bastwick estava sentada na sua cadeira pessoal em couro no escritório de canto de paredes envidraçadas da firma *Fitzhugh, Bastwick and Stern*. A secretária era uma espécie de tanque em vidro, imaculada e cintilante. *Condiz com ela*, pensou Eve, *com a sua beleza fria de um louro deslumbrante*. — Era um amigo generoso — acrescentou Leanore; enlaçou as mãos com manicura perfeita e pousou-as na borda da secretária. — Nós aqui estamos todos em estado de choque, Tenente.

Era difícil ver qualquer indício de choque na superfície polida de tudo aquilo. A floresta de aço de Nova Iorque erguia-se resplandecente nas costas de Leanore, criando a soberba ilusão de que reinava sobre a cidade. O rosa-pálido e o cinzento-claro adicionavam elegantes tons neutros a um escritório que estava tão meticulosamente decorado como esta mulher.

— Sabe de alguma razão que terá levado Fitzhugh a pôr termo à própria vida?

— Absolutamente nenhuma. — Leanore manteve as mãos muito quietas, os olhos não mudaram de expressão. — Ele amava a vida. A vida e o trabalho. Nunca conheci ninguém que gozasse tanto cada instante de cada dia como ele. Não faço a mínima ideia porque optaria por terminar com tudo.

— Qual foi a última vez que o viu ou que falou com ele?

Hesitou. Eve quase podia ver a engrenagem a trabalhar suavemente por detrás daqueles olhos de pestanas longas. — Para dizer a verdade, eu vi-o brevemente ontem à noite. Passei pelo escritório da casa dele, para lhe entregar uma pasta de documentos e discutir um caso. Essa conversa é, naturalmente, confidencial e não vou poder revelá-la. — Estreitou os lábios e tornou a curvá-los. — Mas posso dizer-lhe que estava entusiástico, como habitualmente, e ansioso por voltar ao duelo consigo em tribunal.

— Duelo?

— Era assim que Fitz chamava à audiência de peritos e de policiais no banco de testemunhas. — Um sorriso trespassou-lhe o rosto. — Na mente dele tratava-se de uma combinação de inteligência e de nervos. Um jogo profissional para um jogador nato. Não conheço nada que lhe desse tanto prazer como estar na sala de audiências de um tribunal.

— A que horas é que lhe deixou a pasta, ontem à noite?

— Diria que foi cerca das dez. Sim, penso que foi por volta das dez horas. Estive a trabalhar aqui até tarde e passei pelo escritório dele antes de ir para casa.

— Era usual, Sra. Bastwick, passar pelo escritório dele para o ver antes de ir para casa?

— Não era pouco usual. No fim de contas, éramos associados profissionais e, por vezes, os nossos casos estavam interligados.

— Eram apenas parceiros profissionais, só isso?

— Está a partir do princípio, Tenente, que um homem e uma mulher atraentes que se dão bem não podem trabalhar juntos sem haver tensão sexual entre eles?

— Eu não parto de princípio nenhum. Quanto tempo é que ficou com ele — a discutir o caso?

— Vinte minutos, meia hora. Não reparei no tempo. Posso garantir que ele estava bem, quando saí.

— Não havia nada em especial que o estivesse a preocupar?

— Estava algo preocupado com o caso Salvatori — e com outros também. Nada de especial. Ele era um homem confiante.

— E fora do trabalho, ao nível pessoal?

— Um homem que amava a privacidade.

— Mas, conhece o Arthur Foxx.

— Claro que sim. Nesta firma cuidamos em socializar com as esposas e os esposos dos nossos associados, mesmo que apenas ao de leve. O Arthur e o Fitz eram muito devotados um ao outro.

— Não havia — pequenas desavenças?

Leanore endireitou a cabeça e ergueu a sobrancelha. — Não que eu soubesse.

*Claro que saberia*, pensou Eve. — A Leanore e o Sr. Fitzhugh eram parceiros, tinham uma estreita relação profissional e, aparentemente, também pessoal. Ele deve ter falado consigo sobre a sua vida pessoal, de tempos a tempos.

— Ele e o Arthur eram muito felizes. — Os primeiros sinais de irritação reflectiram-se num suave tamborilar com a unha cor de coral na ponta do vidro. — Os casais felizes discutem ocasionalmente. Imagino que, de vez em quando, também tem querelas com o seu marido.

— O meu marido não me encontrou recentemente morta na banheira — disse Eve calmamente. — O Foxx e o Fitzhugh discutiam sobre o quê?

Leanore bufou de irritação. Levantou-se, digitou um código no seu AutoChef e retirou uma chávena de café fumegante. Não ofereceu nenhuma a Eve. — O Arthur tinha crises periódicas de depressão. Ele não é dos

homens mais confiantes. Tinha a tendência para ser ciumento, o que exasperava o Fitz. — Carregou as sobrancelhas. — Deve ter conhecimento de que Fitz já foi casado. A sua bissexualidade era, de certa forma, um problema para Arthur, e quando estava deprimido, tendia para ficar preocupado com todos os homens e mulheres que estavam em contacto com Fitz, no decurso do seu trabalho. Raramente discutiam, mas quando o faziam, era geralmente por causa dos ciúmes que Arthur sentia.

— Ele tinha razões para ter ciúmes?

— Pelo que sei, o Fitz era completamente fiel. Não é uma escolha fácil, Tenente, estar sempre nas luzes da ribalta, como ele estava, devido ao seu estilo de vida. Ainda hoje há pessoas que se sentem — digamos que — pouco à vontade com as preferências sexuais que fogem à tradição. Mas o Fitz nunca deu razões ao Artur para estar descontente.

— No entanto, ele não estava contente. Obrigada — disse Eve ao erguer-se. — Foi uma grande ajuda.

— Tenente — recomeçou Leanne quando Eve e a silenciosa Peabody se dirigiam para a porta. — Se me passasse pela cabeça, por um só instante, que o Arthur pudesse ter alguma coisa a ver com... — interrompeu-se, respirou fundo. — Não, é simplesmente impossível de acreditar.

— Menos possível do que pensar que Fitzhugh cortou os próprios pulsos e se deixou sangrar até à morte? — Eve aguardou um segundo, depois retirou-se do escritório.

Peabody esperou que saíssem do edifício para o passeio que o contornava. — Não percebi se a Tenente estava a semear para colher mais tarde ou se já se encontrava a desenterrar a verdade.

— As duas coisas. — Eve espreitou através das lentes do tubo. Conseguiu ver o edifício dos escritórios de Roarke, a erguer ao alto a sua lança polida de marfim no meio das outras. Pelo menos ele não tinha qualquer ligação com este caso. Não teria de se preocupar com a descoberta de algo que ele tivesse feito no passado ou de alguém que tivesse conhecido bem de mais. — Ela conhecia tanto a vítima, como o suspeito. E o Foxx não mencionou a passagem dela pelo escritório ontem à noite para discutir assuntos de trabalho.

— Quer dizer que Foxx passou de testemunha a suspeito?

Eve observava um homem a viajar em cima de uma passadeira, numa túnica com bom corte, a gritar asperamente com uma teleligação de mão. — Enquanto não houver provas conclusivas de que se tratou de suicídio, o Foxx é o nosso principal — aliás, o nosso único — suspeito, caramba. Ele tinha os meios. A faca era dele. Tinha a oportunidade. Estavam sozinhos no apartamento. Tinha um motivo. O dinheiro. Agora sabemos que tem um historial de depressões, registos de violência e uma veia ciumenta.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? — Peabody esperou que Eve anuísse. — A Tenente não gostava de Fitzhugh, nem ao nível profissional nem pessoal.

— Eu odiava aquele filho da mãe, e depois? — Eve desceu do passeio para a estrada, onde havia tido a sorte de encontrar um lugar de estacionamento. Pelo canto do olho, viu um flutuador de grelhados, a lançar vapores de cachorros-quentes de soja e rodela de batatas, deu meia volta e atravessou o denso tráfego pedonal. — Acha que tenho de gostar do defunto? Dê-me dois cachorros e uma dose de batatas. Dois tubos de *Pepsi*.

— Para mim é *light* — interrompeu Peabody e passou os olhos pela figura longa e esbelta de Eve. — Algumas de nós têm de se preocupar com o peso.

— Um cachorro *light* e uma *Pepsi light*. — A mulher à frente do veículo tinha as letras CZ tachonadas no centro do lábio superior e o mapa das linhas de metro tatuado no peito. Uma das linhas desviava-se do percurso e desaparecia debaixo do tecido folgado que lhe cobria os seios. — Cachorro normal, *Pepsi* normal, batatas quentes. Paga em dinheiro ou com cartão de crédito?

Eve passou um cartão mole e estendeu a comida a Peabody. Depois baixou-se para apanhar as suas coisas. — Qual é o problema?

A mulher apontou com o indicador sujo de unha púrpura para a sua consola que emitia bipes. — São vinte e cinco.

— Merda. Pestaneja-se e já os preços subiram. — Eve encheu a mão estendida da mulher com créditos e pegou em alguns guardanapos, finos como crepes.

Com alguma dificuldade, Eve atravessou novamente a multidão, deixou-se cair no banco de jardim que circulava a fonte luminosa do edifício do Tribunal. O pedinte ao lado dela olhou-a esperançado. Eve apontou para o distintivo; ele sorriu manhoso e apontou para a licença de mendigo que trazia pendurada ao pescoço.

Resignada, Eve retirou do bolso um *chip* de cinco créditos e entregou-lhos. — Vê se arranjas outro lugar para chatear — ordenou-lhe — ou eu mando verificar essa licença para ver se ainda está dentro do prazo.

O pedinte disse qualquer coisa pouco lisonjeira acerca da forma dela de trabalhar, mas meteu os créditos ao bolso e foi-se embora, deixando o lugar vago para Peabody.

— A Leanore não gosta do Arthur Foxx.

Peabody engoliu com dificuldade. Os cachorros *light* eram invariavelmente granulados. — Não?

— Uma advogada da alta-roda não dá assim tantas respostas, a não ser que o queira. Deu-nos de bandeja que o Foxx é ciumento e que discu-

tiam. — Eve estendeu-lhe a dose de batatas gordurosas. Após uma breve luta interior, Peabody acabou por se servir. — Ela queria que tivéssemos essa informação.

— Continua a não ser muito. Não há nada nos registos de Fitzhugh que possa implicar o Foxx. Nada no seu diário, no caderno de apontamentos, nos *logs* da teleligação. Nenhum dos dados que verifiquei aponta o dedo a Arthur. Por outro lado, também nenhum deles indicia uma inclinação para o suicídio.

Contemplativa, Eve sugava no tubo de *Pepsi*, observando Nova Iorque a arrastar-se por entre o suor e o barulho. — Teremos de falar novamente com o Foxx. Logo à tarde tenho outra audiência em tribunal. Quero que volte para a Central de Polícia, pegue nos relatórios das entrevistas feitas porta à porta e insista com a EM para que liberem os resultados da autópsia final. Não sei porque é que estão a demorar tanto, mas eu quero os resultados na minha mesa no final do turno. A audiência terminará por volta das três horas. Depois passaremos de novo pelo apartamento de Fitzhugh e veremos porque é que o Arthur nos omitiu a pequena visita de Bastwick.

Peabody tentava equilibrar a comida, ao mesmo tempo que programava no *log* da sua agenda as tarefas do dia. — O que lhe perguntei há pouco — sobre o facto de a Tenente não gostar de Fitzhugh, eu apenas estava a querer saber se não era mais difícil conduzir uma investigação, quando não nutrirmos os melhores sentimentos pelo sujeito.

— Os polícias não sentem nada de pessoal. — Depois suspirou. — Tretas. Põem-se os sentimentos de lado e depois é que se faz o que há a fazer. É assim que se trabalha. E se acaso me passar pela cabeça que um homem como o Fitzhugh merece acabar numa banheira cheia do seu próprio sangue, isso não me impede de empreender todos os esforços necessários para saber como é que foi lá parar.

Peabody anuiu. — Muitos outros polícias simplesmente arquivariam o processo. Suicídio. Caso concluído.

— Eu não sou os outros polícias, e a Peabody também não. — Levantou os olhos, ligeiramente interessada no barulho explosivo que se deu quando dois táxis colidiram. O tráfego automóvel e os peões pararam num sacão, ao mesmo tempo que o fumo subia, o vidro duro estilhaçava e dois condutores furiosos saltavam, que nem rolhas de garrafas, dos seus veículos arruinados.

Eve continuou a mordiscar no almoço, enquanto os dois homens se empurravam, investiam um contra o outro e expeliam obscenidades imaginativas. Eve calculou que se tratasse de obscenidades, porque nenhuma das palavras atiradas era inglesa. Olhou para cima, mas não viu pairar ne-

nhum dos helicópteros da polícia de trânsito. Com um esboço de sorriso, amarrotou o cartão de embalagem da comida, comprimiu o tubo vazio e passou-os a Peabody.

— Ponha isto na unidade de reciclagem, está bem? Depois venha ter comigo para me ajudar a separar aqueles dois idiotas.

— Tenente, um deles acaba de puxar de um taco de basebol, quer que chame reforço policial?

— Não. — Eve esfregava as mãos em antecipação ao levantar-se. — Eu consigo dar conta do recado.

...

Umás horas mais tarde, o ombro de Eve continuava a doer-lhe, quando saiu do tribunal. Imaginou que, naquela altura, os taxistas já teriam sido libertados; o mesmo não iria acontecer à assassina da criança. Acabava de testemunhar contra essa mulher, pensou com satisfação. Permaneceria presa numa prisão de alta segurança nos próximos 50 anos, no mínimo. Não podia deixar de se sentir satisfeita por isso.

Fez rodar o ombro dorido. Na realidade, o taxista não quisera magoá-la. Tentara rachar a cabeça do oponente, e ela tivera o azar de estar no meio deles exactamente nessa altura. De qualquer forma, não se importava com o facto de ambos terem as cartas de condução suspensas por três meses.

Entrou no carro e, para não forçar o ombro, ligou a condução automática para a Central de Polícia. Por cima dela, um eléctrico de turismo discursava banalmente sobre os pratos da balança da justiça.

*Bem, reflectiu Eve, às vezes balançavam. Mesmo que só por um instante.* A teleligação tocou.

— Dallas.

— Daqui o Dr. Morris. — O médico analista tinha olhos de falcão de um verde vívido, com pálpebras pesadas, o queixo era quadrado, generosamente coberto por uma barba hirsuta, a juba negra estava normalmente penteada para trás. Eve gostava dele. Apesar de, com frequência, se sentir frustrada com a sua falta de rapidez estelar, apreciava a minuciosidade com que trabalhava.

— Já concluiu o relatório sobre Fitzhugh?

— Estou com um problema.

— Eu não preciso de problemas, preciso do relatório. Pode transmiti-lo para a teleligação no meu escritório? Vou a caminho de lá.

— Não, a Tenente está a caminho daqui. Há uma coisa que lhe quero mostrar.

— Não tenho tempo de passar pela morgue.

— Então arranje-o — sugeriu ele e terminou a ligação.

Rangeu os dentes, uma só vez. Os cientistas eram frustrantes como o caras, pensou enquanto redireccionava a unidade.

...

Vista do exterior, a *Lower Manhattan City Morgue* assemelhava-se a um dos edificios de escritórios com estrutura de cortiço que a circundavam. Passava despercebida, e tinha sido essa a razão para o novo design que recebera. Ninguém gostava de pensar na morte, deixar que a visão dela lhes estragasse o apetite, quando se precipitavam dos seus postos de trabalho à hora do almoço para comerem qualquer coisa num *snack* de esquina. Imagens de corpos etiquetados e embalados em cima de chapas frigoríficas tendiam a afastar as pessoas das suas saladas de massa.

Eve recordou a primeira vez que passara aquelas portas negras em aço na parte traseira do edificio. Era então uma recruta em uniforme, lado a lado com duas dúzias de outros recrutas como ela. Contrariamente a alguns dos camaradas, já havia visto a morte de perto, pessoalmente, mas nunca a vira exibida, dissecada, analisada.

Havia uma galeria por cima de uns dos laboratórios de autópsia, de onde estudantes, recrutas, jornalistas ou romancistas devidamente credenciados podiam testemunhar em primeira mão os meandros intrincados da patologia forense. Monitores individuais ofereciam grandes planos para aqueles que tinham o estômago para tanto.

A maioria não regressava para repetir a experiência. Muitos não saíram pelos próprios pés.

Eve havia abandonado o edificio pelas suas próprias forças, e desde então já tinha voltado vezes sem conta, porém nunca de bom grado.

Desta vez o destino não era o chamado “teatro”, mas o Laboratório C, onde Morris executava a maior parte do seu trabalho. Eve passou pelo corredor de azulejos brancos e com chão cor de ervilha. Sentia-se o cheiro a morte. Independentemente do que fosse usado para o erradicar, o fedor persistente deslizava pelas rachas e frinchas e infestava o ar com o lembrete irónico da mortalidade.

A ciência médica havia erradicado epidemias, um exército de doenças e estados de saúde, aumentado a média de esperança de vida para os 150 anos. A tecnologia cosmética assegurara que o ser humano fosse atractivo durante esse século e meio.

Podia-se morrer sem rugas, sem manchas de idade, sem dores ou sofrimento nem ossos a desintegrarem-se. No entanto, mais cedo ou mais tarde, morria-se.

Parou diante da porta para o Laboratório C, ergueu o distintivo para a câmara de segurança e disse o nome e o número de identificação para o intercomunicador. A impressão da palma da mão foi analisada e liberada. A porta deslizou e abriu.

A sala era pequena, sem janelas, deprimente, revestida de equipamentos e cheia de ruídos emitidos pelos computadores. Alguns dos instrumentos dispostos metodicamente em cima da banca de trabalho, como numa bandeja de cirurgião, tinham um aspecto suficientemente bárbaro para provocar um estremeamento aos mais sensíveis. Serras, lasers, as lâminas brilhantes de escalpelos, tubos de borracha.

No centro da sala encontrava-se uma mesa com calhas para o escoamento de fluidos para dentro de contentores esterilizados e herméticos para análise posterior. Em cima da mesa estava Fitzhugh, o corpo nu marcado pelas cicatrizes causadas pelo recente corte standard em Y.

Morris estava sentado numa cadeira com rodas em frente a um monitor, o rosto quase em cima do ecrã. Envergava uma bata branca de laboratório que caía até ao chão. Era uma das suas poucas afectações, uma bata que se agitava e flutuava como a capa de um saltador de estrada sempre que ele atravessava o corredor. O cabelo puxado para trás estava amarrado num longo rabo-de-cavalo.

Eve sabia que se tratava de algo invulgar, já que a chamara directamente, em vez de a despachar para um dos seus técnicos.

— Dr. Morris?

— Hã. Tenente — começou sem se virar. — Nunca vi nada igual. Não nos trinta anos de pesquisa aos mortos. — Voltou-se com uma agitação da sua bata de laboratório. Por debaixo vestia calças justas e uma T-shirt às cores, garrida. — Está com bom aspecto, Tenente.

Presenteou-a com um dos seus rápidos sorrisos de charme e os lábios dela curvaram-se em resposta. — Também não está nada mal. Desfez-se da barba.

Levantou a mão e passou-a pelo queixo áspero. Ele exibira uma pêra no queixo até há bem pouco tempo. — Não me ficava bem. Mas, Cristo, o que eu detesto barbear-me. Como foi a lua-de-mel?

Automaticamente, ela enfiou as mãos nos bolsos. — Foi bom. Agora estou com muito trabalho, Morris. O que tem para me mostrar, que não podia ser visto através do ecrã?

— Algumas coisas precisam de atenção pessoal. — Rolou a cadeira para junto da mesa de autópsia e levantou-se, com um leve chiar de rodas, mesmo à frente da cabeça de Fitzhugh. — O que é que vê?

Eve olhou para baixo. — Um homem morto.

Morris anuiu, como que satisfeito com a resposta. — Aquilo a que nós podemos chamar de um morto normal, vulgar, que morreu devido a uma excessiva perda de sangue, possivelmente provocada por ele próprio.

— Possivelmente? — Deu um salto ao ouvir a palavra.

— À superfície, o suicídio é a conclusão lógica. Não havia drogas no seu sistema, muito pouco álcool, não apresentava feridas ou contusões ofensivas nem defensivas, o sedimento do sangue era consistente com a sua posição na banheira, não morreu afogado, os ângulos das feridas no pulso...

Aproximou-se mais, levantou ligeiramente um dos braços de Fitzhugh, mãos bonitas de unhas arranjadas, onde as feridas gravadas nos pulsos se assemelhavam a uma qualquer língua antiga intrincada. — Também são muito consistentes com o suicídio, um homem destro, com uma leve tendência para a reclinação. — Fez a demonstração, segurando numa faca imaginária. — Cortes muito rápidos, muito precisos nos pulsos, danificando as artérias.

Apesar de também já ter analisado as feridas e respectivas fotografias, Eve aproximou-se e observou-as novamente.

— Não é possível alguém ter vindo por detrás, inclinar-se sobre ele e cortar-lhe os pulsos no mesmo ângulo?

— Não está além do reino do possível, mas, se assim tivesse sucedido, eu esperaria ver algumas feridas defensivas. Se alguém incomodasse o seu banho e lhe cortasse os pulsos, decerto que ficaria aborrecida, conflituosa até. — Lançou-lhe um sorriso. — Duvido que voltasse a acomodar-se na banheira a sangrar até morrer.

— Quer dizer que confirma que foi suicídio.

— Calma, não vamos tão depressa. Estava prestes a chegar a essa conclusão. — Chupou o lábio inferior e deixou-o voltar à posição normal. — Fiz as análises standard ao cérebro para os casos de suicídio ou de suspeita disso. E é aí que está o puzzle. O verdadeiro enigma.

Deslizou a cadeira de volta à estação de trabalho, gesticulou por cima do ombro para que ela o seguisse. — Este é o cérebro — disse, batendo com o dedo no órgão que flutuava num líquido claro e que era percorrido por finos cabos metálicos, que emitiam dados para a estrutura principal do computador. — Anormal.

— Como disse?

Morris soltou um riso abafado e abanou a cabeça. — É óbvio que a Tenente não tem tempo suficiente para ver vídeos clássicos. A expressão é duma paródia ao mito de Frankenstein. O que eu quero dizer é simplesmente que o cérebro é anormal.

— Ele sofreu lesões no cérebro?

— Lesões — bem parece um pouco exagerado para aquilo que encontrei. Veja aqui no ecrã. — Rodou na cadeira, carregou nalgumas teclas. Apareceu um grande plano do cérebro de Fitzhugh. — Novamente, à superfície está tudo como seria de esperar. Mas, vejamos a imagem da secção transversal. — Mexeu mais umas teclas e o cérebro apareceu cortado ao meio, com a maior das precisões. — Tanta coisa que se passa nesta massa pequena — murmurou Morris. — Pensamentos, ideias, músicas, desejos, poesia, ira, ódio. As pessoas falam muito no coração, Tenente, mas é o cérebro que contém toda a magia e mistérios da espécie humana. É ele que nos eleva, nos diferencia e nos define como indivíduos. E os segredos que esconde — bem, é dubitável que algum vez conseguiremos descobri-los a todos. Veja aqui.

Eve aproximou-se mais do ecrã, tentando ver o que ele lhe indicava com a ponta do dedo. — Parece-me, de facto, um cérebro. Pouco atraente, porém, necessário.

— Não se preocupe, eu quase que também não reparava. Neste tipo de imagens, — continuou, enquanto o monitor se carregou subitamente de cores e formas — o tecido aparece em tons de azul, de claro a escuro, o osso surge branco. Como pode verificar, não há coágulos nem tumores que pudessem indiciar uma disfunção neurológica na sua formação. Aumentar o quadrante B, secções trinta e cinco a quarenta, trinta por cento.

A imagem deu um salto e uma parte dela surgiu aumentada. Perdendo a paciência, Eve encolheu os ombros, depois voltou a curvar-se para o monitor. — O que é aquilo? Parece... o quê? Um borrão?

— Parece, não parece? — Tornou a aumentar a imagem com o olhar fixo no ecrã, onde uma sombra pálida não maior do que uma pinta de mosca defraudava o cérebro. — É quase como uma impressão digital, a dedada gordurosa de uma criança. Mas se aumentarmos ainda mais, — assim o fez com alguns comandos rápidos, aproximando a imagem — é mais parecido com uma minúscula queimadura.

— Como é que se consegue ter uma queimadura dentro do cérebro?

— Exactamente. — Fascinado por completo, Morris rolou até ao cérebro em questão. — Nunca vi nada como essa pequeníssima picada de alfinete. Não foi provocada por uma hemorragia, nem por um leve AVC, tampouco por um aneurisma. Percorri todos os programas de criação de imagens cerebrais e não descobri qualquer causa neurológica para isto.

— Mas existe, está ali.

— Está mesmo. Pode não ser nada, não mais do que uma ínfima anormalidade que ocasionalmente causasse leves dores de cabeça ou uma vaga tontura. Certamente que não seria fatal. Mas há algo curioso. Pedi que

me enviassem todos os registos médicos de Fitzhugh, para verificar se havia exames feitos ou quaisquer dados em relação a esta marca de queimadura.

— Poderia ter causado depressões, ansiedade?

— Não sei. É uma mácula no lobo frontal esquerdo no hemisfério cerebral direito. A actual opinião médica defende que certos aspectos, como, por exemplo, a personalidade, estão localizados nesta área cerebral específica. Portanto, a marca aparece na secção do cérebro que actualmente se acredita ser responsável pela recepção e selecção de sugestões e ideias.

Fez um gesto com os ombros. — Contudo, eu não posso documentar que esta mácula levou à morte dele. O facto é, Tenente Dallas, que neste momento estou confuso, mas fascinado. Não vou poder pronunciar-me conclusivamente sobre o seu caso e liberá-lo até que encontre algumas respostas.

...

*Uma marca de queimadura no cérebro*, reflectiu Eve enquanto introduzia o código de acesso ao condomínio de Fitzhugh. Viera sozinha, para que o vazio e o silêncio dessem tempo à sua mente para trabalhar. Até que liberasse o local do crime, Foxx viveria noutros aposentos.

Repetiu os passos até ao andar de cima e analisou novamente a banheira horrenda.

*Uma marca de queimadura na cabeça*, voltou a pensar. Drogas pareciam ser a resposta mais lógica. Se não se revelaram no exame toxicológico, podia tratar-se de um novo tipo de químico, uma que ainda não constasse dos registos.

Entrou na sala de relaxamento. Não havia lá nada, a não ser os brinquedos dispendiosos de um homem rico que gostava de aproveitar o seu tempo de lazer.

*Não conseguia dormir*, reflectiu. *Veio aqui para relaxar, tomou um brandy. Esticou-se no cadeirão, viu um vídeo no ecrã.* Enrugou os lábios ao pegar nos óculos especiais de realidade virtual ao lado do cadeirão. *Fez uma breve viagem. Não o quis fazer no quarto, inclinou-se simplesmente para trás.*

Curiosa, pôs os óculos e ordenou a repetição da última cena exibida. Viu-se, de repente, dentro de um barco branco que balouçava sobre um rio verde e fresco. Os pássaros elevavam-se acima dela, um peixe disparou da água, luziu prateado e voltou a mergulhar. Nas margens do rio havia flores silvestres e árvores altas e protectoras. Ela sentia-se flutuar, deixou deslizar a mão para a água para lhe seguir o rasto silencioso. Era quase pôr-do-sol e o céu, a ocidente, tornava-se rosa e púrpura. Conseguia ouvir o suave zumbir das abelhas, o alegre cantar dos grilos. O barco embalava como um berço.

Dando por si a bocejar, retirou os óculos. Era apenas uma cena inofensiva e sedativa, decidiu, e pousou-os. Nada que pudesse induzir a uma repentina urgência em cortar os pulsos. Mas a água podia ter despertado a vontade de tomar um banho, e assim o fizera. E se o Foxx se tivesse introduzido sorrateiro, se tivesse sido silencioso o suficiente, rápido o suficiente, podia tê-lo feito.

Era tudo o que tinha, concluiu Eve, e puxou pelo seu comunicador para ordenar uma segunda entrevista com o Foxx.